

ESTUDOS

50

PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA

1975-1980-1985-1990

Custódio N. P. S. Cónim

As actuais perspectivas demográficas, integradas no seguimento das estimativas por sexos e idades recentemente concluídas no I.N.E., incluem-se num plano geral de trabalhos que visa responder a médio prazo a algumas das urgentes necessidades nacionais no campo de estudos da população.

Concluído o presente trabalho, resta-nos expressar os nossos agradecimentos aos técnicos auxiliares da Divisão de Análise e Estudos Económicos e Sociais, sector de demografia, Rui Portela e Dinis Tavares, pela colaboração prestada nomeadamente no plano de execução dos morosos cálculos a que foi necessário recorrer.

E R R A T A

Página 30, 3.ª linha, onde se lê (hipótese XII), deve ler-se (hipótese VI)

•

[illegible]

INTRODUÇÃO

O cálculo de perspectivas de população, assenta, do ponto de vista demográfico, na análise do comportamento dos diferentes fenómenos observados no passado recente.

A formulação das hipóteses, que irão fixar os limites e as tendências do crescimento populacional, constituem um dos elementos fundamentais do cálculo perspectivo. A dimensão do período sobre o qual irão decorrer as perspectivas, o grau de probabilidade de ocorrência das hipóteses e a própria «estabilização» dos fenómenos demográficos, não deixarão, em última análise, de constituir aspectos relevantes nos desenvolvimentos metodológicos subsequentes.

A qualidade e o próprio «grau de confiança» dos dados de base referentes ao estado e ao movimento da população são, igualmente, factores determinantes no desenrolar e no significado dos cálculos finais. Neste contexto, a população de base, isto é, a estrutura por sexos e idades da população que constitui o ponto de partida das perspectivas, desempenha um papel por vezes decisivo.

A actual situação demográfica portuguesa não se apresenta com efeito, suficientemente «esclarecedora», ao ponto de, com um elevado grau de confiança, preencher todas as condições essenciais que devem caracterizar estudos desta natureza. A análise e a sistematização das várias situações que orientam a escolha das hipóteses, factor determinante, só de uma maneira parcial ou provisória poderá ser levada a cabo. Tenhamos presente que as profundas movimentações da população (retorno de portugueses das ex-colónias, retorno de emigrantes portugueses, etc.) observadas nos últimos anos, apenas por processos indirectos e limitados nos permitem avaliar a estrutura da população portuguesa em 31 de Dezembro de 1975, a qual constitui a nossa população de base — Quadro 1.

O carácter provisório das estimativas da população para final de 1975 (1), fixam pois, logo à partida a correspondente natureza das presentes perspectivas. A excepção das tábuas abreviadas de mortalidade, todos os restantes indicadores foram desenvolvidos tomando como base a nova série de estimativas da população. Esta particularidade poderá estar na origem de alguns «desajustamentos» observados nos níveis tendenciais de sobrevivência observados e projectados, devido ao facto das populações que apoiaram o cálculo das tábuas abreviadas se referirem a dados provisórios.

Julgamos, no entanto, que este aspecto não é de molde a alterar de maneira substancial o significado e a coerência final dos resultados. Esta ordem de factores, associados às limitações que existem sobre o grau de validade de estrutura da população de base, levam-nos a sugerir que as actuais perspectivas sejam interpretadas no contexto específico que as rodeia. Estes aspectos estão igualmente na origem do desenvolvimento sintético que acompanha a análise dos resul-

(1) A população estimada em 31 de Dezembro de 1975, integra-se num trabalho de avaliação e análise da estrutura da população portuguesa de 1941 a 1975, recentemente concluído no I.N.E. (Julho de 1977). Estudos n.º 49, I.N.E. - 1978.

tados. Foi com o objectivo de ultrapassar algumas destas limitações, que utilizamos nestas perspectivas uma gama suficientemente ampla de hipóteses de trabalho, procurando, deste modo, responder a diferentes alternativas de evolução que, do ponto de vista teórico, se poderão com maior ou menor probabilidade equacionar.

A metodologia adoptada, concordante com a natureza dos dados de base disponíveis e a evolução dos próprios fenómenos demográficos, procurou, tanto quanto as actuais condições o permitiram, responder às diferentes situações observadas.

O I.N.E. efectuará com regularidade a análise crítica destas perspectivas, confrontando para tanto a situação demográfica perspectivada com a observação da própria realidade.

QUADRO 1 — ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE — PORTUGAL
31 de Dezembro de 1975 (População de base)

Milhares

Grupos etários	HM	H	M
1	2	3	4
0 — 4	869,0	445,2	423,8
5 — 9	895,8	459,8	436,0
10 — 14	926,2	474,0	452,2
15 — 19	843,8	426,6	417,2
20 — 24	779,0	384,6	394,4
25 — 29	675,2	316,3	358,9
30 — 34	561,2	251,1	310,1
35 — 39	568,4	254,7	313,7
40 — 44	587,4	266,6	320,8
45 — 49	573,4	260,2	313,2
50 — 54	528,7	242,9	285,8
55 — 59	443,8	204,2	239,6
60 — 64	430,5	196,0	234,5
65 — 69	376,8	163,1	213,7
70 — 74	280,2	111,7	168,5
75 e +	293,7	100,3	193,4
TOTAL	9 633,1	4 557,3	5 075,8
0 — 19	3 534,8	1 805,6	1 729,2
20 — 59	4 717,1	2 180,6	2 536,5
60 e +	1 381,2	571,1	810,1

1. Aspectos metodológicos

No plano metodológico, desenvolveu-se um esquema correntemente utilizado no cálculo de perspectivas demográficas. De entre as várias alternativas, procuramos fazer corresponder a evolução da população portuguesa em função das tendências que os fenómenos demográficos registaram nos últimos onze anos. Mais do que trabalhar com esquemas de evolução «tipo», foi a própria realidade observada e perspectivada, que fixou, em última análise, os vários esquemas evolutivos. A análise da fecundidade foi desenvolvida no âmbito de uma análise transversal — análise de momento —, tendo como base os níveis anuais de fecundidade observados entre 1965 e 1975. Os níveis de sobrevivência foram fixados a partir da série de tábuas abreviadas de mortalidade correspondentes a idêntico período.

Da combinação das várias hipóteses de evolução natural, optou-se finalmente por uma hipótese de evolução principal à qual se associaram diversos níveis migratórios. A identificação da hipótese principal de evolução — sem e com migrações — está, como é óbvio, associada à interpretação e à análise mais provável que os vários acontecimentos demográficos nos permitiram antever.

1.1. — Natalidade

A intensidade da natalidade em Portugal tem-se situado em níveis mais elevados, comparativamente aos valores observados no conjunto dos países Europeus. A taxa global de fecundidade geral tem experimentado nos últimos anos um decréscimo constante ao longo do tempo. Em nítida relação com a transição demográfica operada neste domínio, e igualmente como reflexo directo do fenómeno emigratório, a generalidade das taxas específicas de fecundidade geral apresentam algumas variações importantes na evolução do respectivo calendário. As taxas específicas de fecundidade geral observadas entre 1965 e 1975, constituíram, como referimos, o ponto de apoio para a formulação das hipóteses no campo de evolução dos níveis de fecundidade futuros.

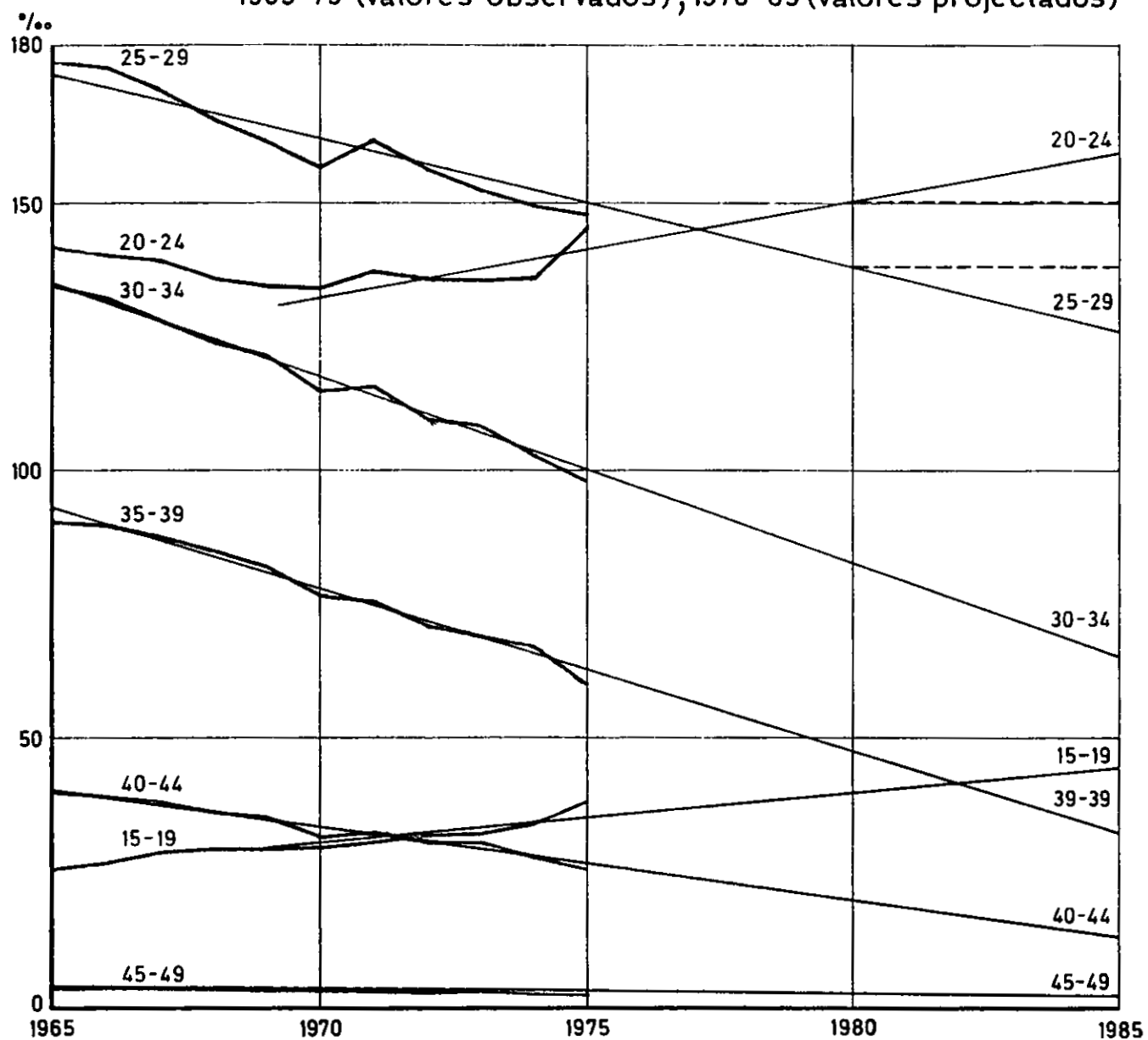
O gráfico I, onde se apresentam a evolução das referidas taxas de fecundidade, põe em evidência os seguintes aspectos:

- a) Os grupos etários de 25-29, 30-34, 35-39, 40-44 e 45-49 anos têm experimentado uma baixa constante e progressiva ao longo do tempo.
- b) A intensidade da fecundidade nas idades baixas, particularmente nos 15-19 anos, tem, por seu turno registado constantes e contínuos acréscimos. O grupo dos 20-24 anos, com uma tendência ligeiramente decrescente entre 1965 e 1970, apresenta na década de 70 uma estabilização e mesmo reduzidos acréscimos, observando em 1975 uma alta bastante significativa. Este comportamento para além de poder estar relacionado com os aspectos que têm caracterizado a actual conjuntura demográfica portuguesa (retorno das mulheres portuguesas das ex-colónias que eventualmente podem possuir um calendário de fecundidade diferente da população feminina do Continente, Açores e Madeira) pode significar o início de importantes transformações da intensidade da fecundidade neste grupo etário.

Valores provisórios referentes a 1976, vêm, por seu turno, «confirmar» o calendário da fecundidade observado em 1975.

A evolução do calendário da fecundidade está indirectamente patente na própria repartição percentual do número de nados-vivos segundo a idade das mães ocorridos em Portugal entre 1960 e 1976 — Quadro 2.

GRÁFICO I - Taxas específicas de fecundidade geral - Portugal
1965-75 (valores observados); 1976-85 (valores projectados)



QUADRO 2 — REPARTIÇÃO DOS NADOS-VIVOS SEGUNDO A IDADE DAS MAES. 1960, 1965 e 1970 a 1976
(p. 100)

Idades das mães	1960	1965	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
15 — 19	4,68	4,98	6,39	6,49	7,05	7,22	7,80	8,60	9,63
20 — 24	26,12	24,44	27,55	27,70	28,41	28,65	29,05	31,14	34,09
25 — 29	29,34	29,35	27,45	28,27	28,64	28,73	29,11	28,81	27,99
30 — 34	20,52	21,39	19,74	18,99	17,90	17,63	16,99	16,32	15,10
35 — 39	13,63	13,72	13,09	12,71	12,34	11,96	11,70	10,29	8,88
40 — 44	5,20	5,68	5,29	5,35	5,17	5,27	4,88	4,43	3,92
45 — 49	0,51	0,44	0,49	0,49	0,49	0,54	0,47	0,41	0,39
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

A maior concentração do número de nados-vivos provenientes de mulheres dos 15-19 e 20-24 tem sido contínua, respectivamente, desde 1960 e 1965. Nos restantes grupos etários, embora a evolução seja variável, o decréscimo é igualmente visível entre 1965-1970 e 1975-1976.

Os níveis perspectivados para os vários períodos, correspondem de uma forma global às tendências observadas entre 1965 e 1975. Devido à problemática que assiste ao cálculo da perspectiva do número de nados-vivos (face, nomeadamente, às profundas transformações ocorridas na estrutura da população em 1974 e 1975) foram consideradas diversas hipóteses de evolução, as quais procuram reflectir um leque suficientemente amplo e expressivo de alternativas. Neste sentido, as hipóteses no campo da fecundidade correspondem aos níveis referidos no quadro seguinte:

QUADRO 3 — TAXAS ESPECIFICAS DE FECUNDIDADE GERAL — PORTUGAL
p. 1 000 — níveis anuais

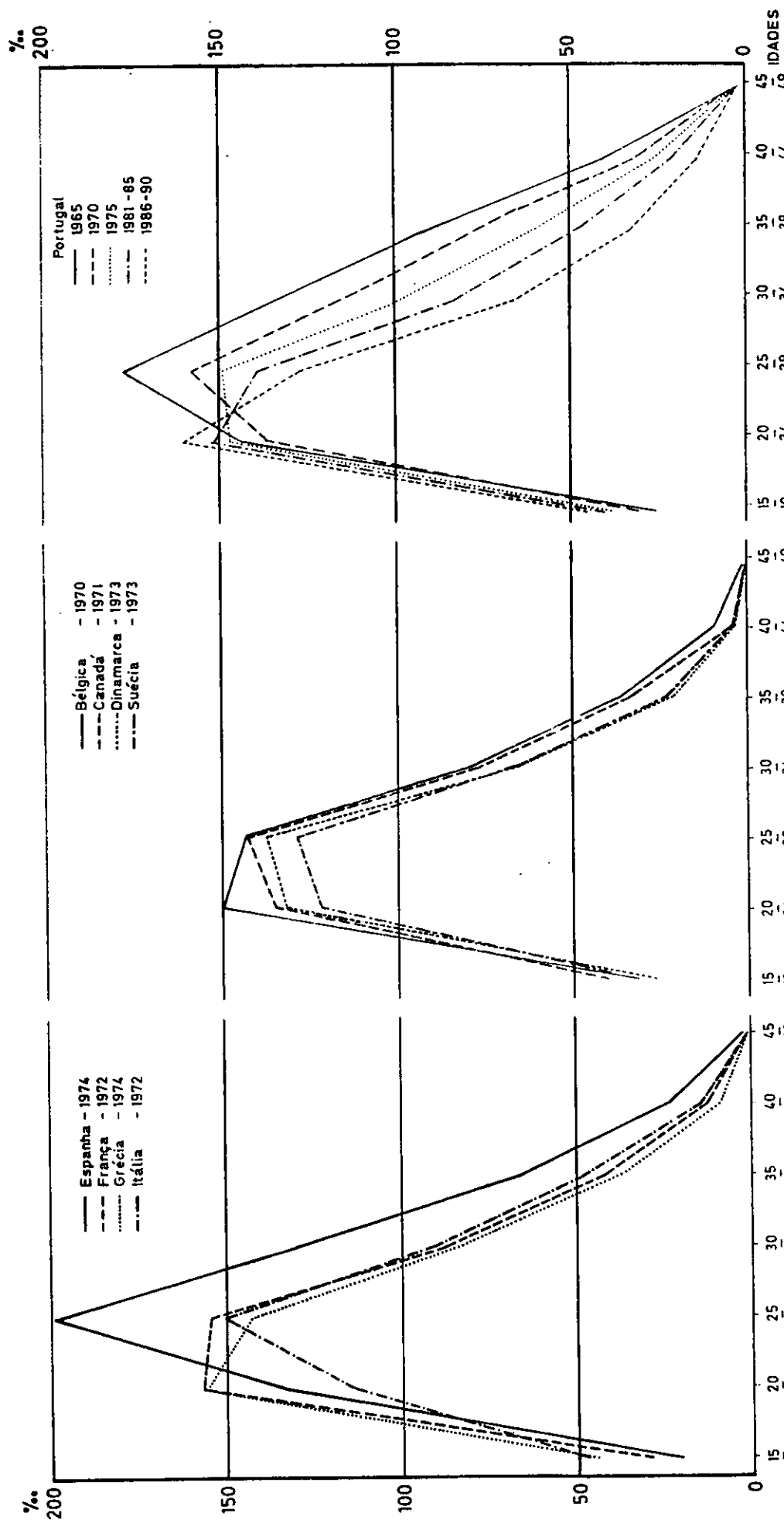
Grupos etários	Hipótese constante	Hipótese decrescente (variável)			Hipótese ajustada
	Média de 1974-1975	1976-1980	1981-1985	1986-1990	1986-1990
1	2	3	4	5	6
15-19	35,90	37,83	39,95	44,85	44,85
20-24	140,83	145,60	150,55	159,40	150,55 (*)
25-29	148,80	147,99	138,50	126,45	138,50 (*)
30-34	100,31	97,83	82,95	65,45	65,45
35-39	63,44	59,89	47,85	32,35	32,35
40-44	26,44	25,25	20,10	13,10	13,10
45-49	2,58	2,43	2,50	2,25	2,25

(*) Nível de 1980

A evolução do calendário da fecundidade observada desde 1965, bem como os níveis projectados para os períodos de 1976-1980, 1981-1985 e 1986-1990 foram posteriormente comparados com os níveis recentemente observados em alguns países da Europa meridional e determinados países desenvolvidos — Gráfico II.

Os valores extrapolados para o período de 1985-1990, apresentam uma configuração que se ajusta sensivelmente ao calendário da fecundidade observado na Grécia, em 1974, na França, em 1972 e na Bélgica, em 1970.

GRÁFICO II - Taxas específicas de fecundidade geral observadas em alguns países da "Europa meridional", países desenvolvidos" e Portugal



Fonte: Demographic Yearbook, 1975 - O NU, p. 584 e seg.

Canada: The Population of Canada - CICRED séries, 1974 - World Population Year

1.2. — Mortalidade

A análise da evolução da mortalidade em Portugal, tem-se traduzido por uma melhoria assinalável dos respectivos níveis de mortalidade. De entre todos os aspectos, merece uma particular referência o decréscimo acentuado da mortalidade infantil (0 anos) e da mortalidade nas idades juvenis (1-4 anos). Os níveis de sobrevivência perspectivados reflectem, de forma bastante notória, este tipo de evolução.

O aumento da sobrevivência masculina tem constituído outra das características da evolução da mortalidade. O acréscimo da sobrevivência masculina tem-se registado de forma intensa nas idades jovens dos 10-14 e 15-19 anos e, sobretudo, nas idades activas dos 20-24, 25-29, 30-34, 35-39 e 40-44 anos.

A evolução da esperança de vida, muito embora apresente níveis inferiores aos observados no conjunto dos países Europeus, deverá conhecer num futuro próximo substanciais melhorias.

A análise da mortalidade foi efectuada a partir das funções biométricas constantes das tábuas abreviadas de mortalidade, calculadas no I.N.E. com base nas taxas centrais de mortalidade — ${}_a m_x$ — e das tabelas de Reed e Merrell. Os níveis de sobrevivência observados entre 1965 e 1975 são a base da projecção destes níveis tendenciais. A função — ${}_a q_x$ — quociente clássico de mortalidade — que representa a probabilidade de um indivíduo de idade x morrer antes de atingir a idade seguinte $x+a$, constituiu o ponto de apoio para o cálculo dos quocientes perspectivados de mortalidade. De forma idêntica aos quocientes clássicos, o quociente perspectivo define uma probabilidade de morte não entre dois aniversários, mas entre duas idades — idades em anos completos. São estes últimos quocientes que se utilizam no cálculo perspectivo. Os quocientes perspectivados de mortalidade — ${}_a k_x$ — foram calculados a partir da fórmula aproximada. Sendo ${}_a q_x$ e ${}_a q_{x+a}$ dois quocientes de mortalidade, o respectivo quociente perspectivo toma a seguinte expressão:

$${}_a k_x = \frac{{}_a q_x + {}_a q_{x+a}}{2}$$

Os quocientes perspectivados de mortalidade correspondem pois, sensivelmente, à média aritmética dos quocientes clássicos de mortalidade. Uma vez calculados os quocientes perspectivados de mortalidade, a determinação do respectivo quociente perspectivo de sobrevivência — ${}_a P_x$ — virá:

$${}_a P_x = 1 - {}_a k_x$$

A probabilidade de sobrevivência entre dois grupos etários é calculada de uma maneira exacta através da seguinte expressão:

$${}_a P_x = \frac{{}_a L_{x+a}}{{}_a L_x}$$

onde ${}_a L_x$ e ${}_a L_{x+a}$ representam os sobreviventes entre dois grupos etários consecutivos — idades em anos completos.

A série de quocientes perspectivísticos de mortalidade representados nos gráficos X a XVI — anexo —, mostram de forma bastante notória o sentido da evolução da mortalidade em Portugal em função do sexo e idade. À excepção dos grupos etários de 10-14, 15-19, 20-24, 25-29, 30-34, 40-44 e 45-49 anos na população do sexo masculino cujos quocientes de mortalidade mostram uma tendência para crescer, todos os restantes valores apresentam níveis sucessivamente decrescentes desde 1965.

O método aproximado foi utilizado nas idades dos 5-9 a 70-74 anos.

Os sobreviventes das novas gerações e do grupo etário de 0-4 anos tiveram o seguinte desenvolvimento:

$$P_N = \frac{L_{0-4}}{5 \cdot l_0} \text{ e } K_N = 1 - P_N$$

$$\text{sendo } L_{0-4} = L_0 + 4 \left(\frac{l_1 + l_5}{2} \right)$$

onde

l_0 = 100 000 sobreviventes à nascença

l_1 e l_5 = Sobreviventes no 1.º e 5.º aniversários

L_{0-4} = Sobreviventes no grupo etário de 0-4 anos de idade

P_N = Quociente perspectivístico de sobrevivência à nascença

K_N = Quociente perspectivístico de mortalidade à nascença

L_0 = Sobreviventes aos 0 anos (idade em anos completos)

$$L_0 = 0,30 l_0 + 0,70 l_1$$

O quociente perspectivístico de sobrevivência dos efectivos de 0-4 anos (P_{0-4}), foi obtido a partir da seguinte relação:

$$P_{0-4} = \frac{L_{5-9}}{L_{0-4}} \text{ sendo } k_{0-4} = 1 - P_{0-4}$$

onde L_{5-9} = Sobreviventes no grupo etário de 5-9 anos de idade

k_{0-4} = Quocientes perspectivísticos de mortalidade

$$L_{5-9} = \left(\frac{l_5 + l_{10}}{2} \right) \cdot 5 \approx \frac{{}_a d_x}{{}_a m_x}$$

Nas idades avançadas de 70 e mais e 75 e mais anos, utilizaram-se os seguintes procedimentos:

$$P_{70 e+} = \frac{T_{75}}{T_{70}} = \frac{L_{75 e+}}{L_{75 e+} + L_{70-74}} = \frac{L_{75 e+}}{L_{70 e+}}$$

$$P_{75 e+} = \frac{T_{80}}{T_{75}} = \frac{L_{80 e+}}{L_{80 e+} + L_{75-79}} = \frac{L_{80 e+}}{L_{75 e+}}$$

onde

T_x = Número de efectivos com uma idade igual ou superior a x.

aL_x = Número de indivíduos do grupo etário x, x + a.

Com base nos procedimentos anteriormente definidos o cálculo das perspectivas para os vários períodos considerados teve o seguinte desenvolvimento:

N_v = Nados-vivos (no quinquénio: $t+1$, $t+5$)
 E_{0-4} = Efectivos no grupo etário de 0-4 anos (população de base em 31 de Dezembro do ano t)
 E_{5-9} = » » » » de 5-9 anos (» » » » » » » » »)

E_{70-74} = » » » » de 70-74 anos (» » » » » » » » »)
 $E_{75 e +}$ = » » » » de 75 e + (» » » » » » » » »)

Os totais de nados-vivos avaliados em cada quinquénio foram repartidos por sexos, segundo as taxas de feminilidade e masculinidade à nascença com valores respectivamente de 0,488 e 0,512 (relação de masculinidade à nascença = 105).

$$N_v^{HM} \cdot 0,488 = N_v^M \text{ (sexo feminino)}$$

$$N_v^{HM} \cdot 0,512 = N_v^H \text{ (sexo masculino)}$$

Os efectivos perspectivados para final de $t+5$, ($E'_{x, x+5}$), são pois calculados da seguinte forma:

$$E'_{0-4} = N_v \cdot P_N$$

$$E'_{5-9} = E_{0-4} \cdot P_{0-4}$$

$$E'_{10-14} = E_{5-9} \cdot P_{5-9}$$

.....

$$E'_{75 e +} = E_{70-74} \cdot P_{70-74} + E_{75 e +} \cdot P_{75 e +}$$

Os diferentes níveis de sobrevivência correspondem aos ajustamentos efectuados nos quocientes perspectivados de mortalidade (ver anexo). Foi igualmente considerado um nível médio de sobrevivência em função dos níveis médios observados em 1974 e 1975. Os quocientes perspectivados correspondentes às várias hipóteses estão referidos no quadro seguinte:

QUADRO 4 — QUOCIENTES PERSPECTIVOS DE SOBREVIVÊNCIA — PORTUGAL

níveis quinquenais

Grupos etários	Média de sobrevivência		1976-1980		1981-1985		1986-1990	
	H	M	H	M	H	M	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9
$P_N (*)$	0,95 657	0,96 523	0,95 659	0,96 472	0,96 825	0,97 205	0,97 685	0,97 905
0 — 4	0,98 997	0,99 090	0,99 048	0,99 193	0,99 198	0,99 265	0,99 399	0,99 444
5 — 9	0,99 612	0,99 748	0,99 619	0,99 764	0,99 645	0,99 781	0,99 679	0,99 819
10 — 14	0,99 442	0,99 772	0,99 444	0,99 786	0,99 422	0,99 780	0,99 401	0,99 806
15 — 19	0,99 102	0,99 714	0,99 041	0,99 716	0,98 954	0,99 736	0,98 797	0,99 752
20 — 24	0,98 974	0,99 659	0,98 907	0,99 657	0,98 800	0,99 677	0,98 575	0,99 702
25 — 29	0,98 878	0,99 546	0,98 837	0,99 563	0,98 750	0,99 595	0,98 673	0,99 628
30 — 34	0,98 534	0,99 360	0,98 484	0,99 392	0,98 435	0,99 420	0,98 315	0,99 461
35 — 39	0,97 922	0,99 094	0,97 868	0,99 114	0,98 000	0,99 250	0,98 008	0,99 360
40 — 44	0,97 038	0,98 673	0,96 920	0,98 670	0,96 800	0,98 768	0,96 605	0,98 843
45 — 49	0,95 773	0,98 001	0,95 631	0,98 033	0,95 600	0,98 180	0,95 415	0,98 300
50 — 54	0,93 912	0,97 039	0,93 804	0,97 097	0,94 003	0,97 183	0,94 175	0,97 275
55 — 59	0,90 696	0,95 361	0,90 554	0,95 531	0,91 050	0,95 582	0,91 565	0,95 800
60 — 64	0,85 521	0,92 262	0,85 575	0,92 577	0,86 425	0,92 950	0,87 030	0,93 600
65 — 69	0,77 862	0,86 593	0,78 566	0,87 191	0,78 470	0,87 730	0,79 003	0,88 725
70 — 74	0,65 587	0,74 995	0,67 034	0,76 550	0,66 100	0,76 013	0,66 873	0,77 200
70 e +	0,52 737	0,58 809	0,53 515	0,58 839	0,51 875	0,57 820	0,50 015	0,56 550
75 e +	0,40 614	0,47 066	0,41 194	0,46 067	0,39 455	0,44 253	0,37 455	0,42 950

(*) Nados-vivos

Definidos os níveis de crescimento natural da população para os quinquénios de 1976-1980, 1981-1985 e 1986-1990, a combinação das várias alternativas correspondem às seguintes hipóteses de evolução natural da população:

Perspectivas sem migrações

- Hipótese I — Nível de fecundidade constante ao longo do período com base nos valores médios observados em 1974 e 1975. A evolução da mortalidade foi definida pelos níveis médios de sobrevivência registados em 1974 e 1975 — mortalidade constante.
- Hipótese II — Fecundidade e mortalidade constantes — nível registado no último ano de observação — 1975.
- Hipótese III — Fecundidade decrescente — variável — níveis de 1975 (1976-80), 1980 (1981-85) e 1985 (1986-90) avaliados com base no ajustamento das tendências anteriores. Esquema de sobrevivência igual à hipótese II.
- Hipótese IV — Fecundidade constante — nível de 1975. Níveis de mortalidade decrescentes, de acordo com o ajustamento das tendências anteriormente observadas 1975 (1976-80), 1980 (1981-85) e 1985 (1986-90).
- Hipótese V — Fecundidade e mortalidade decrescentes — variáveis —, idênticas respectivamente às hipóteses III e IV.
- Hipótese VI — Os níveis de fecundidade projectados para 1986-1990, correspondentes ao nível de 1985, foram ajustados nas idades de 20-24 e 25-29 e considerados «constantes» os níveis de 1980. Este facto deve-se à comparabilidade da evolução do calendário da fecundidade observado actualmente em vários países do mediterrâneo e países industrializados.
A mortalidade corresponde a uma evolução decrescente — igual aos níveis definidos na hipótese IV e V.

A hipótese principal de evolução natural identifica-se com os níveis referidos para 1976-1980 e 1981-1985 - hipótese V, e 1986-1990 - hipótese VI.

1.3. — Movimento emigratório

A interferência secular da emigração no crescimento da população levou-nos a introduzir um conjunto de hipóteses emigratórias que reflectissem o correspondente efeito demográfico no âmbito da evolução natural da população. A alteração introduzida nas deslocações entre Portugal e as antigas ex-colónias, bem como as novas políticas emigratórias dos países de acolhimento da Europa Ocidental, podem imprimir uma orientação bastante diferente na evolução registada nos últimos anos. Estes aspectos, já bem expressivos em 1975 e 1976, deixam prever a curto e médio prazo um notório abrandamento dos níveis emigratórios. Embora não se possuam elementos suficientemente elucidativos sobre o volume do retorno de emigrantes da Europa Ocidental, existem indicações concretas de que este movimento se encontra em fase de desenvolvimento. De entre os factores que procuram explicar esta tendência, ressalta a difícil situação económica da Europa Ocidental, o elevado número de desempregados, que começa a atingir com intensidade as próprias comunidades emigrantes, a própria diminuição do número de nascimentos provenientes de mulheres portuguesas emigrantes, etc.

Os níveis migratórios considerados nas presentes perspectivas identificam-se com o volume da emigração — legal e clandestina — observado a partir de 1960, tendo-se estabelecido diversas hipóteses, que correspondem, respectivamente, à média anual do fluxo emigratório observado entre 1960 e 1975 — 100 000 indivíduos por ano —, a metade da média dos últimos 16 anos — 50 000 indivíduos por ano —, à média observada em 1975 e 1976 — 30 000 indivíduos — e a 20 000 e 10 000 indivíduos por ano, como hipóteses mais baixas.

Ponderados os diversos factores intervenientes na delimitação da hipótese mais provável, foi considerado o nível de 20 000 indivíduos por ano — 100 000 por quinquénio — como hipótese que poderá reflectir a baixa do volume emigratório e, de modo indirecto, o retorno de emigrantes.

Delimitados os diferentes níveis emigratórios, que identificamos com o saldo migratório, procedeu-se à caracterização demográfica — estrutura por sexos e idades — destas populações. Tendo em conta o abrandamento ou mesmo o previsível desaparecimento da emigração clandestina a curto prazo, a estrutura da emigração líquida foi definida pela estrutura média observada nos últimos cinco anos — 1971 a 1975 — no conjunto da emigração legal.

Esta hipótese levou-nos à seguinte composição da população emigrante: sexo masculino 57,93 % e 42,07 % no sexo feminino.

O quadro seguinte apresenta-nos a estrutura por sexos e grupos etários quinquenais, utilizados para a repartição por idades e sexos das diferentes hipóteses migratórias ⁽²⁾.

(2) Era em princípio previsível, que eliminados os factores que limitavam a emigração legal do sexo masculino no grupo etário dos 15-19 anos — mobilização militar —, esta viesse a conhecer níveis superiores em 1974 e, sobretudo, em 1975. Observa-se, no entanto, que a emigração, em 1975, deste grupo etário, embora tenha registado um sensível aumento em relação aos níveis anteriores, representa 5,5 % do total da emigração do sexo masculino. No mesmo grupo etário, o sexo feminino representava 11,6 % do total da emigração. Dado que as alterações observadas em 1975 não foram suficientemente expressivas, mantivemos neste grupo etário a estrutura média observada no quinquénio (1971-1975).

QUADRO 5 — ESTRUTURA POR IDADES E SEXOS
DA POPULAÇÃO EMIGRANTE
(valores médios observados entre 1971 e 1975)

Grupos etários	Repartição percentual (%)	
	H	M
1	2	3
0 — 4	9,93	12,74
5 — 9	8,97	11,52
10 — 14	8,71	9,65
15 — 19	3,32	11,33
20 — 24	14,81	14,82
25 — 29	22,34	12,00
30 — 34	11,99	8,48
35 — 39	9,49	6,59
40 — 44	5,04	4,26
45 — 49	2,40	2,71
50 — 54	1,04	1,82
55 — 59	0,62	1,46
60 — 64	0,66	1,10
65 — 69	0,37	0,77
70 e +	0,31	0,75
TOTAL	100,00	100,00
0 — 19	30,93	45,24
20 — 59	67,73	52,14
60 e +	1,34	2,62

Os diferentes níveis migratórios — 500 000, 250 000, 150 000, 100 000 e 50 000 indivíduos por quinquénio — foram posteriormente ponderados em termos de análise do efeito demográfico que os mesmos provocariam nas hipóteses de crescimento natural V (1980, 1985 e 1990) e VI (1990). A evolução natural destas populações migrantes foi definida com base nos quocientes perspectivados de sobrevivência correspondentes ao nível de 1981-1985, hipótese decrescente-variável e no nível de fecundidade correspondente a idêntico período.

Estes níveis de sobrevivência e de fecundidade foram considerados constantes nos períodos de 1976-1980, 1981-1985 e 1986-1990.

O efeito dos vários níveis migratórios em termos de perturbação da evolução natural da estrutura da população, (efeitos demográficos em 31 de Dezembro de 1980, 1985 e 1990) reflectem a ponderação final efectuada nas perspectivas de evolução natural (Quadros 24, 25 e 26 — anexo).

O efeito demográfico do movimento migratório em 31 de Dezembro de 1990, apresenta em relação à hipótese de 100 000, 250 000 e 500 000 emigrantes por quinquénio a estrutura constante do gráfico III.

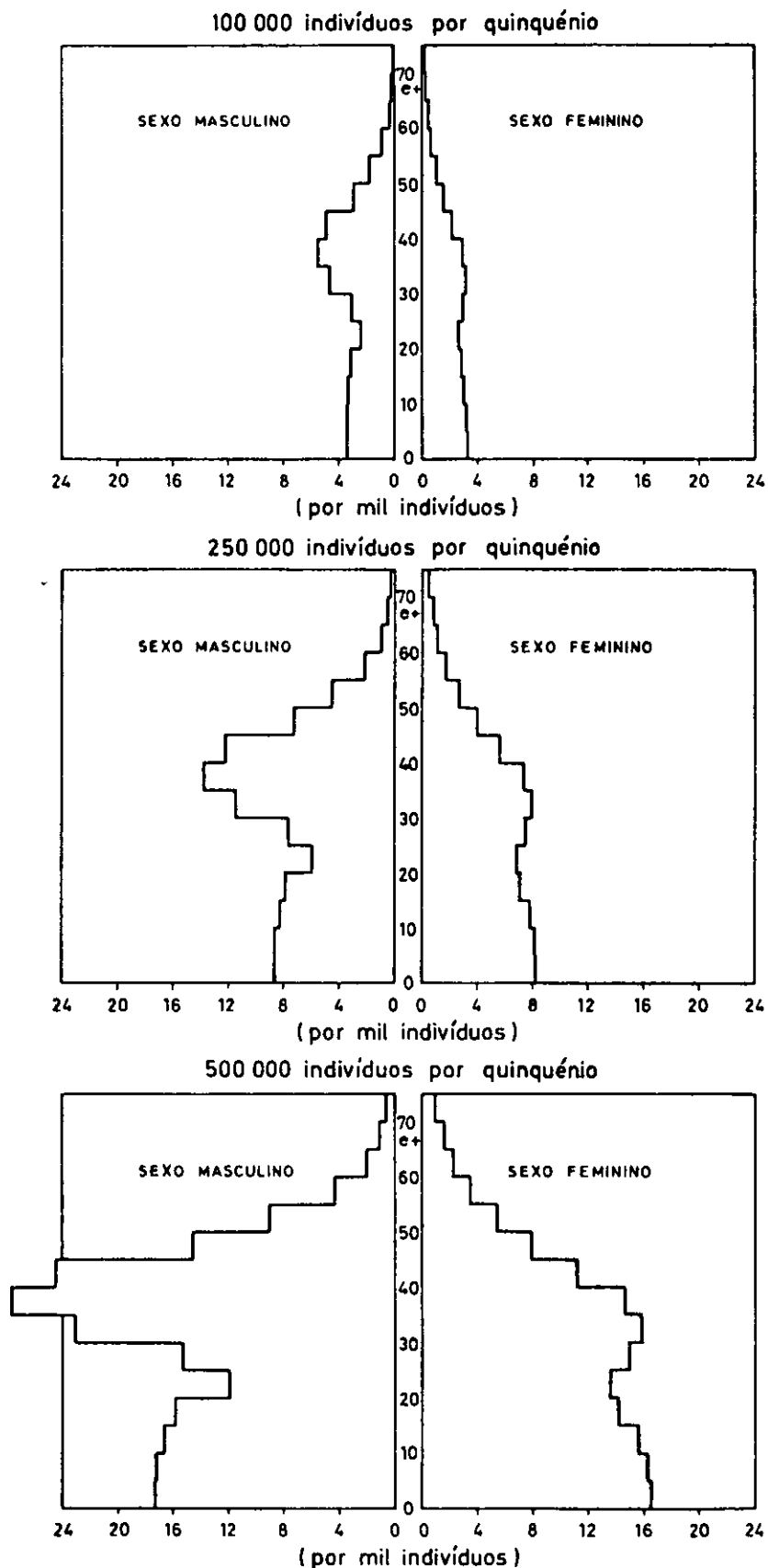
As perspectivas finais com migrações correspondem, deste modo, ao desenvolvimento das seguintes hipóteses de trabalho:

Perspectivas com migrações

As perspectivas com migrações identificam-se com a análise dos efeitos migratórios em função das várias hipóteses consideradas. Os vários níveis migratórios foram associados à hipótese de evolução natural — hipótese V — em 31 de Dezembro de 1980, 1985 e 1990.

Hipóteses VII, VIII, IX, X e XI — Correspondentes, respectivamente, ao efeito demográfico da saída de 50 000, 100 000, 150 000, 250 000 e 500 000 indivíduos por quinquénio.

GRÁFICO III-Efeito do movimento migratório
em 31 de Dezembro de 1990



A hipótese VI de evolução natural — 31 de Dezembro de 1990 — foram igualmente associados os efeitos demográficos dos cinco níveis migratórios.

Hipóteses XII, XIII, XIV, XV e XVI — Correspondentes, respectivamente, ao efeito demográfico da saída de 50 000, 100 000, 150 000, 250 000 e 500 000 indivíduos por quinquénio.

A hipótese principal de evolução da população portuguesa — com migrações — corresponde às hipóteses VIII em 31 de Dezembro de 1980 e 1985 e XIII em 31 de Dezembro de 1990.

2. — Análise dos resultados

De forma global, apresentam-se seguidamente alguns indicadores demográficos que procuram sistematizar a evolução demográfica até 1990.

O gráfico IV, pormenoriza-nos a evolução da população entre 1965 e 1990. O elevado acréscimo populacional registado em 1974 e 1975 (motivado pelo afluxo de portugueses das ex-colónias), aliado à diminuição do movimento emigratório, deixam antever um crescimento populacional significativo, devendo a população atingir em 1981 os 10 milhões de habitantes.

Em 1990, a população total de Portugal ultrapassará ligeiramente os 10,5 milhões de indivíduos.

O quadro 6, apresenta-nos em relação às hipóteses V de evolução natural em 1980 e 1985, VI em 1990, hipótese VIII em 1980 e 1985 e hipótese XIII em 1990, a evolução anual da população segundo o sexo.

QUADRO 6 — EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE EM PORTUGAL
(1950-1990) 31 de Dezembro

Milhares

ANOS	Valores de base		
	HM	H	M
1	2	3	4
1950	8 510,2	4 120,2	4 390,0
1960	8 889,4	4 254,4	4 635,0
1965	9 122,0	4 344,6	4 777,4
1966	9 095,6	4 322,4	4 773,2
1967	9 110,4	4 330,4	4 780,0
1968	9 119,7	4 340,8	4 778,9
1969	9 074,7	4 311,0	4 763,7
1970 *	9 013,7	4 269,5	4 744,2
1971	8 967,2	4 240,8	4 726,4
1972	8 973,7	4 243,3	4 730,4
1973	8 978,2	4 233,9	4 744,3
1974	9 218,4	4 355,8	4 862,6
1975	9 633,1	4 557,3	5 075,8

* Dados ajustados do XI R.G.P.

QUADRO 6 — (Continuação)

ANOS	Hipóteses de evolução principal					
	Sem migrações			Com migrações		
	Hipótese V e VI			Hipótese VIII e XIII		
	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7
1976	9 721,6	4 602,3	5 119,3	9 699,7	4 589,8	5 109,9
1977	9 810,2	4 647,4	5 162,8	9 766,2	4 622,3	5 143,9
1978	9 898,7	4 692,3	5 206,4	9 832,7	4 654,7	5 178,0
1979	9 987,3	4 737,4	5 249,9	9 899,3	4 687,2	5 212,1
1980	10 075,8	4 782,4	5 293,4	9 965,9	4 719,7	5 246,2
1981	10 159,7	4 825,5	5 334,2	10 025,9	4 749,3	5 276,6
1982	10 243,5	4 868,6	5 374,9	10 085,9	4 779,0	5 306,9
1983	10 327,4	4 911,7	5 415,7	10 145,8	4 808,6	5 337,2
1984	10 411,2	4 954,8	5 456,4	10 205,8	4 838,3	5 367,5
1985	10 495,1	4 997,9	5 497,2	10 265,8	4 867,9	5 397,9
1986	10 571,9	5 037,0	5 534,9	10 317,0	4 892,8	5 424,2
1987	10 648,8	5 076,2	5 572,6	10 368,3	4 917,7	5 450,6
1988	10 725,6	5 115,4	5 610,2	10 419,5	4 942,7	5 476,8
1989	10 802,5	5 154,6	5 647,9	10 470,8	4 967,6	5 503,2
1990	10 879,3	5 193,7	5 685,6	10 522,0	4 992,5	5 529,5

As taxas brutas de mortalidade (T.B.M.) e natalidade (T.B.N.) — hipótese de evolução sem migrações — apresentam os seguintes valores anuais médios:

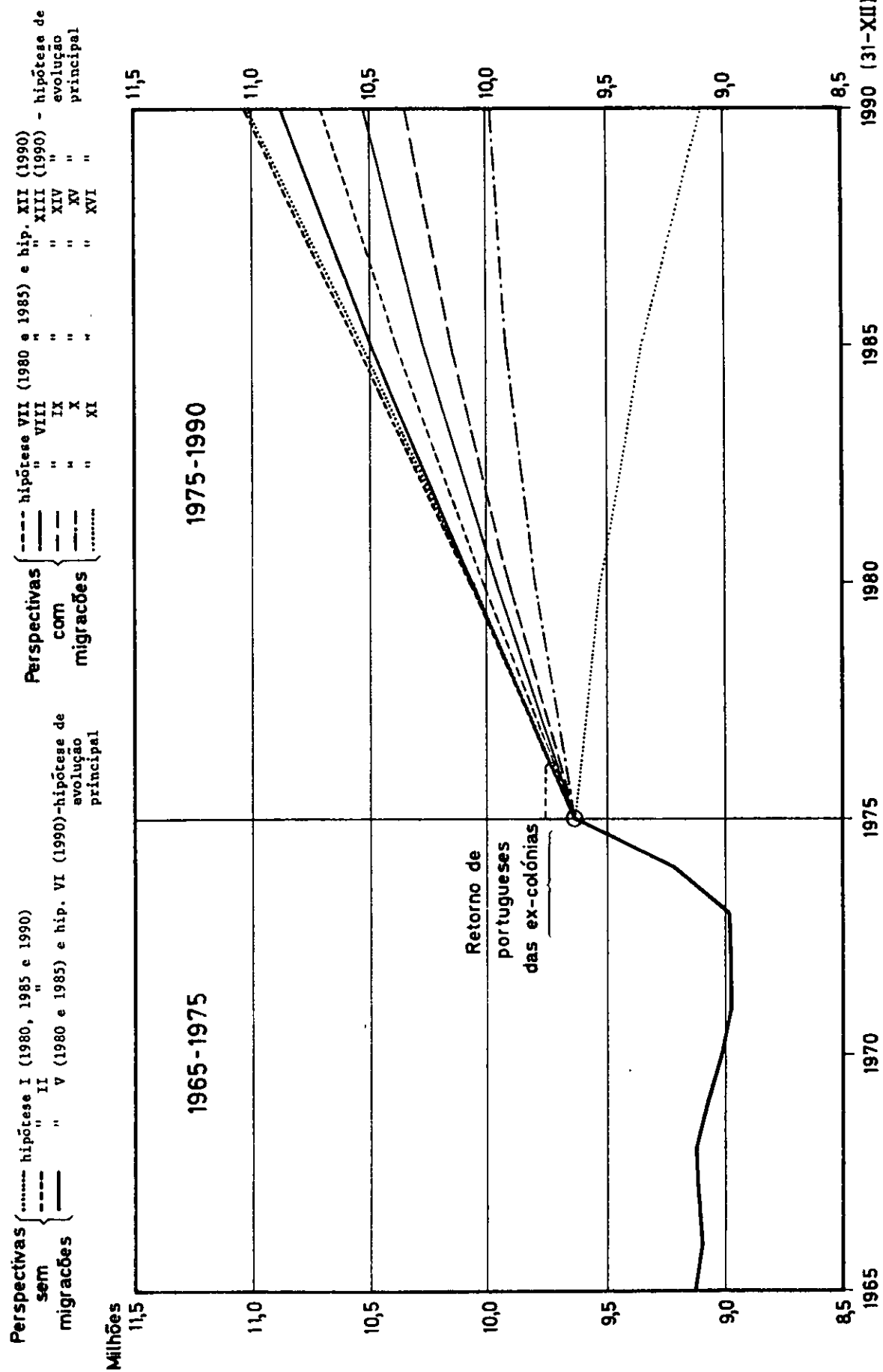
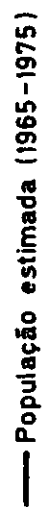
QUADRO 7 — TAXAS MÉDIAS ANUAIS DE NATALIDADE, MORTALIDADE E CRESCIMENTO NATURAL — PORTUGAL. 1976 a 1990

(p. 1 000)

Taxas	1976-1980					1981-1985				
	I	II	III	IV	V	I	II	III	IV	V
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
T. B. N.	19,38	19,39	19,39	19,39	19,39	19,85	19,84	18,74	19,84	18,74
T. B. M.	10,52	10,40	10,40	10,40	10,40	10,83	10,76	10,74	10,59	10,58
Taxa de crescimento natural	+8,86	+8,99	+8,99	+8,99	+8,99	+9,02	+9,08	+8,00	+9,25	+8,16

Taxas	1986-1990					
	I	II	III	IV	V	VI
12	13	14	15	16	17	18
T. B. N.	19,95	19,92	17,57	19,89	17,55	17,66
T. B. M.	10,97	10,93	10,95	10,41	10,47	10,47
Taxa de crescimento natural	+8,98	+8,99	+6,62	+9,48	+7,08	+7,19

GRÁFICO IV-Evolução da população residente em Portugal - ambos os sexos, 31 de Dezembro



As taxas de crescimento natural anteriormente observadas em Portugal situavam-se em 1960-61, 1965, 1970-71 e 1975, respectivamente, nos seguintes níveis: 13,32‰, 12,61‰, 9,44‰ e 9,67‰.

A média de crescimento natural continua a situar-se a um nível ligeiramente elevado, mostrando, no entanto, uma tendência para decrescer ao longo de cada quinquénio — hipótese principal — passando respectivamente de 8,99‰ para 8,16‰ e 7,19‰.

O número médio anual de nados-vivos e óbitos, correspondentes à hipótese principal de evolução natural (hipótese V em 1980 e 1985 e hipótese VI em 1990), apresenta os seguintes valores:

	Nados-vivos	Óbitos	
1950-51	206 517	104 136	
1960-61	215 706	97 299	
1965	210 299	95 187	Valores observados
1970-71	180 967	95 891	Óbitos de 1976
1974	171 979	96 928	— dados provisórios.
1975	179 648	97 936	
1976	186 712	101 923	
1976-80	191 000	103 000	Valores médios anuais
1981-85	193 000	109 000	perspectivados.
1986-90	189 000	112 000	Hipótese principal.

Observe-se, neste campo, que as alterações efectuadas na estrutura da população portuguesa em 1974, 1975 e 1976, demonstram já um nítido acréscimo do número de nados-vivos e óbitos, níveis esses que encontrarão um necessário prolongamento nos vários períodos quinquenais.

A tendência do acréscimo do número de nados-vivos em 1976-80 e 1981-85 regista, contudo, no último quinquénio uma tendência para uma significativa descida.

O crescimento anual médio da população projectado para 1980, 1985 e 1990 traduz, consoante a intensidade dos movimentos emigratórios, os seguintes níveis de crescimento:

QUADRO 8 — TAXAS MÉDIAS ANUAIS DE CRESCIMENTO EFECTIVO
— PORTUGAL 1976-1990

(p. 1 000)

Hipótese de evolução	1976-1980	1981-1985	1986-1990
1	2	3	4
Hipótese principal	+6,82	+5,95	+4,94
Hipóteses X - 1980 e 1985 e XV - 1990	+3,46	+2,46	+1,29
Hipóteses XI - 1980 e 1985 e XV - 1990	-2,23	-3,75	-5,54

Um crescimento efectivo relativamente moderado caracterizará, no final do período, a evolução da população portuguesa.

A intensidade da mortalidade analisada com base na evolução da esperança de vida à nascença, tem observado ao longo do tempo os seguintes valores:

QUADRO 9 — EVOLUÇÃO DA ESPERANÇA DE VIDA A NASCENÇA
— PORTUGAL, 1949-1952 a 1985-1990

Idade em anos		
Períodos	Sexo masculino	Sexo feminino
1	2	3
1949-1952	55,5	60,5
1959-1962	60,7	66,4
1965	63,3	69,4
1966	62,9	69,0
1967	63,8	70,0
1968	64,4	70,1
1969	64,2	70,0
1970	64,2	70,5
1971	63,7	70,1
1972	65,4	71,6
1973	64,7	70,8
1974	65,3	72,0
1975-1980	65,2	72,4
1980-1985	66,0	73,4
1985-1990	66,4	74,2

Fonte: 1949-1952 e 1959-1962: Tábuas de mortalidade da população portuguesa — Estudos n.º 24 e 38 - I.N.E. Dr. J. J. Pais Morais.

1965 a 1974 e 1975-1980: Tábuas abreviadas de mortalidade anualmente calculadas na Direcção do Serviço de Estudos - Divisão de Análise e Estudos Económicos e Sociais - I.N.E.

1980-1985 e 1985-1990: Tábuas perspectivas de mortalidade.

O acréscimo da esperança de vida à nascença de 1965 a 1975, traduz-se respectivamente no sexo masculino e feminino em + 1,9 anos (+ 3 %) e + 3 anos (+ 4,3 %). Entre o início e o termo do período das perspectivas o ganho médio de vida à nascença representa + 1,2 anos (+ 1,8 %) no sexo masculino e 1,8 anos (+ 2,5 %) no sexo feminino. Os níveis mais baixos da esperança de vida à nascença no sexo masculino, comparativamente ao sexo feminino, não cessam de aumentar desde 1949-1952 até ao final do período. O valor da esperança de vida à nascença no sexo masculino, inferior em 1949-1952 em cerca de 5 anos, passa sucessivamente em 1959-62, 1965, 1975-80 e 1985-90 para 6,1; 6,3; 7,2 e 7,8 anos. O acréscimo da sobremortalidade masculina cronologicamente observada, está na base deste comportamento. Neste sentido, torna-se bastante expressivo a tendência «crescente» para o aumento dos quocientes perspectivados de mortalidade do sexo masculino — em particular nos grupos etários dos 15-19, 20-24, 25-29 e 30-34 anos — ao contrário da tendência «manifestada» pelos mesmos grupos etários do sexo feminino (ver gráficos XIII e XV do anexo).

No plano global o valor da esperança de vida à nascença — ambos os sexos — em paralelo com os níveis estimados pela Divisão de População da Organização das Nações Unidas ⁽³⁾ e as perspectivas calculadas para o «total mundial», regiões «mais desenvolvidas» e regiões «menos desenvolvidas» apresentam a posição constante do gráfico V. Embora registando acréscimos significativos, a esperança de vida à nascença em Portugal não deverá alcançar até 1990 os níveis previstos para o conjunto das regiões «mais desenvolvidas». As diferenças registadas entre Portugal e as regiões «mais desenvolvidas», «total mundial» e as regiões «menos desenvolvidas» atingem em ambos os sexos (1985-1990), respectivamente os seguintes valores: — 2,3 anos, + 9,6 anos e + 11,6 anos.

(3) Sobre este assunto ver em particular o trabalho de Jacques Vallin sobre: «Les perspectives de population mondiale des Nations Unies» — in Population, Mai-Jun, n.º 3 de 1976, p. 566 e segs.

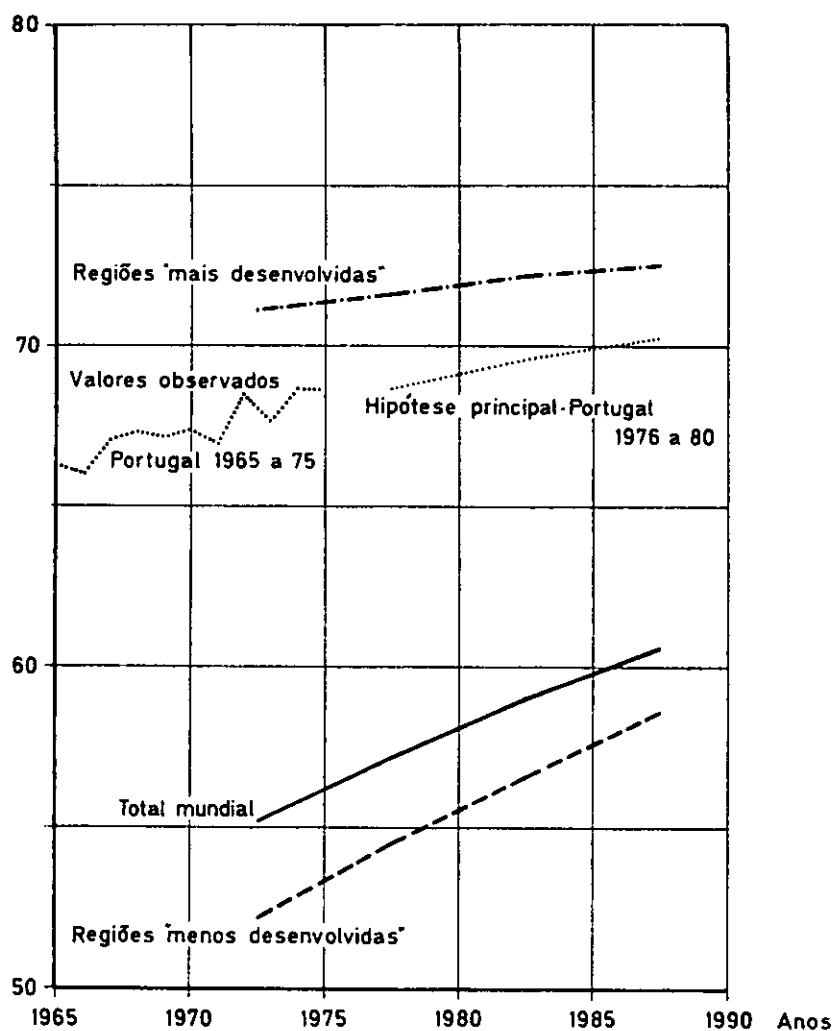
GRÁFICO V-Evolução da esperança de vida à nascença.

Portugal (valores observados entre 1965-1975)

e hipótese de evolução principal (1975-1990)

Regiões "menos desenvolvidas", "mais desenvolvidas" e total mundial - médias quinquenais, correspondentes à hipótese média da mortalidade à excepção do conjunto de "países desenvolvidos" cujos valores correspondem a uma hipótese única.

Idade
em anos



Os níveis de fecundidade introduzidos na hipótese principal de evolução natural encontram-se sintetizados a partir da taxa bruta de reprodução (T.B.R.), cujos níveis comparados com os valores observados e projectados para Portugal 1965-1975 e 1976-1980, 1981-1985 e 1986-1990 e os níveis projectados pela O.N.U. ⁽⁴⁾ para o conjunto das regiões «menos desenvolvidas», regiões «mais desenvolvidas» e o «total mundial», precisam o significado demográfico da hipótese considerada. Os níveis de fecundidade da população portuguesa, bastante inferiores aos projectados para o conjunto das regiões «menos desenvolvidas» e «total mundial», apresenta contudo, valores superiores, comparativamente ao conjunto das regiões «mais desenvolvidas». Portugal, neste contexto, alcançaria níveis idênticos aos observados pelo conjunto das regiões «mais desenvolvidas» no quinquénio de 1986-1990 (Gráfico V). Observe-se que os níveis da taxa bruta de reprodução projectados para o conjunto das regiões «mais desenvolvidas» — hipótese de baixa média de fecundidade — é sensivelmente estável desde 1971-1975. As T.B.R. perspectivadas correspondem, em relação às regiões «mais desenvolvidas», aos seguintes valores 1970-75: 1,13; 1975-80: 1,10; 1980-85: 1,10; 1985-90: 1,09; 1990-95: 1,09 e 1995-2000: 1,09 ⁽⁵⁾.

O decréscimo contínuo e acelerado da T.B.R. em Portugal está bem patente na evolução observada desde 1965.

As relações de masculinidade, isto é, a proporção de indivíduos do sexo masculino, para o conjunto de efectivos do sexo feminino, parecem conhecer um maior equilíbrio no período das projecções. As relações de masculinidade (particularmente perturbadas anteriormente pelo fenómeno emigratório, o qual atingia preferencialmente a população do sexo masculino) conheceram ao longo do tempo a seguinte evolução percentual: 1960—91,79; 1965—90,94; 1970—89,99; 1975—89,78. Os valores correspondentes à hipótese de evolução principal, sem e com migrações, apresentam respectivamente os seguintes níveis: 1980—90,35 e 89,96; 1985—90,92 e 90,18; 1990—91,35 e 90,29. A emigração continua a ser um factor de diminuição das relações de masculinidade. Os níveis futuros — hipótese principal —, apresentam valores sensivelmente superiores aos observados em 1970 e 1975 (à excepção de 1980 em relação a 1990).

As transformações da estrutura etária da população, sintetizada a partir da repartição da população por grandes grupos etários, oferece-nos a evolução prevista neste domínio. O quadro 10 refere, em relação às hipóteses de evolução I, V, e VI — sem migrações — e VIII, XI, XIII e XVI — com migrações — em 1980, 1985 e 1990 a distribuição percentual destes grupos etários.

A evolução do grupo dos «jovens», «adultos» e «velhos» referentes à hipótese principal com migrações, traduz-se por uma diminuição no grupo dos jovens (0-19 anos) e no aumento da população adulta (20-59 anos) e da população idosa (60 e mais anos). O sentido desta evolução é igualmente observado nas restantes hipóteses, muito embora os níveis de variação sejam bastante variáveis. Os valores correspondentes às hipóteses XI e XVI apresentam as proporções mais elevadas de população idosa, representando este grupo em 1990 cerca de 17 % do total da população.

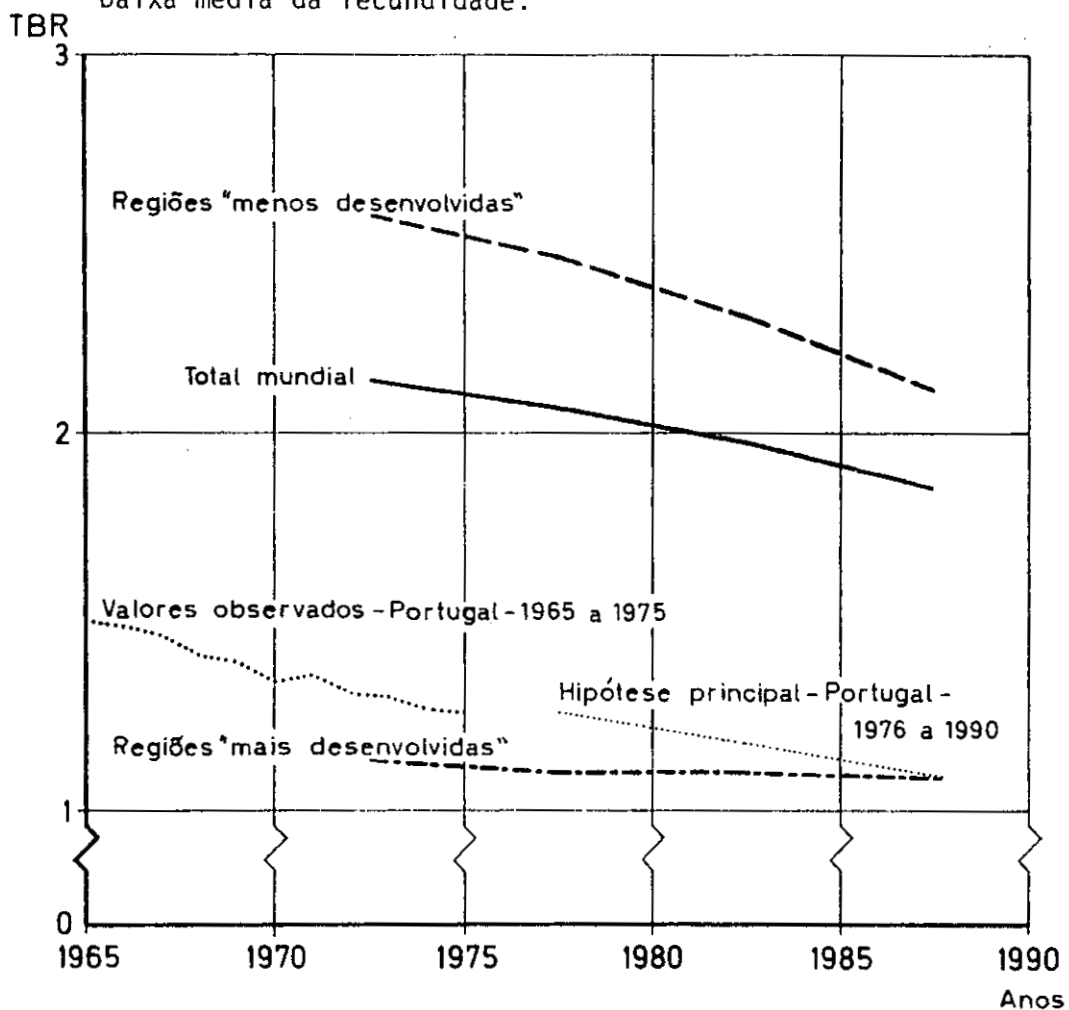
A relação entre os indivíduos com 60 e mais anos de idade, comparativamente aos efectivos do grupo dos jovens, permite-nos avaliar o índice de envelhecimento, cuja evolução é a seguinte em 31 de Dezembro:

⁽⁴⁾ «Les perspectives de population mondiale des Nations Unies» — Population, op. cit. p. 566.

⁽⁵⁾ Idem.

**GRÁFICO VI-Evolução das taxas brutas de reprodução
(TBR)-Portugal (valores observados entre 1965 e 1975)
e hipótese de evolução principal (1976 -1980)**

Regiões "menos desenvolvidas", "mais desenvolvidas" e total mundial - médias quinquenais, correspondentes à hipótese de baixa média da fecundidade.



QUADRO 10 — REPARTIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO POR GRANDES GRUPOS ETÁRIOS
PORTUGAL — 31 de Dezembro de 1980, 1985 e 1990

Ambos os sexos

Grupos etários	Sem migrações			Com migrações			
	Hip. I	Hip. V	Hip. VI	Hip. VIII	Hip. XI	Hip. XIII	Hip. XVI
1	2	3	4	5	6	7	8
31-XII-80							
0 — 19	35,69	35,68	—	35,65	35,56	—	—
20 — 59	50,00	49,96	—	49,85	49,38	—	—
60 e mais	14,31	14,36	—	14,50	15,06	—	—
Total	100,00	100,00		100,00	100,00		
31-XII-85							
0 — 19	34,54	34,24	—	34,18	33,89	—	—
20 — 59	50,95	51,12	—	50,91	49,97	—	—
60 e mais	14,51	14,64	—	14,91	16,14	—	—
Total	100,00	100,00		100,00	100,00		
31-XII-90							
0 — 19	34,18	33,20	33,24	33,09	32,59	33,13	32,64
20 — 59	51,16	51,81	51,78	51,50	50,02	51,47	49,98
60 e mais	14,66	14,99	14,98	15,41	17,39	15,40	17,38
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Índices de envelhecimento.

1950	26,8	
1960	31,2	
1965	33,2	Situação observada
1970	37,25	
1975	39,07	
1980	40,26	40,66
1985	42,74	43,62
1990	45,08	46,47
		Perspectivas
	sem migrações	com migrações
	Hipótese principal	

O fenómeno emigratório actua no sentido de um acréscimo do índice de envelhecimento, dadas as características deste movimento. O facto da emigração se concentrar sobretudo nas idades activas — população feminina em idade de procriar — provoca, paralelamente a uma redução da natalidade, o decréscimo dos efectivos nas idades jovens. A população idosa não é perturbada pelo fenómeno emigratório.

As transformações operadas na estrutura da população projectada para 1990 — hipóteses VI, XIII e XVI — e a avaliação do correspondente efeito demográfico, encontram-se representadas nos gráficos VII, VIII e IX.

A estrutura evolutiva — hipótese principal — define-se, em termos genéricos, por uma maior concentração da população nas idades activas (nível emigratório baixo, em comparação com os valores observados ao longo dos últimos 15 anos) e do acréscimo populacional nas idades mais elevadas a partir dos 55 e mais anos de idade. Nas idades baixas o grupo etário dos 0-4 anos é sensivelmente superior ao nível observado em 1975, apresentando o grupo dos 5-9 anos uma posição idêntica.

GRÁFICO VII-Pirâmides etárias da população de Portugal em 31 de Dezembro de 1975 e 1990

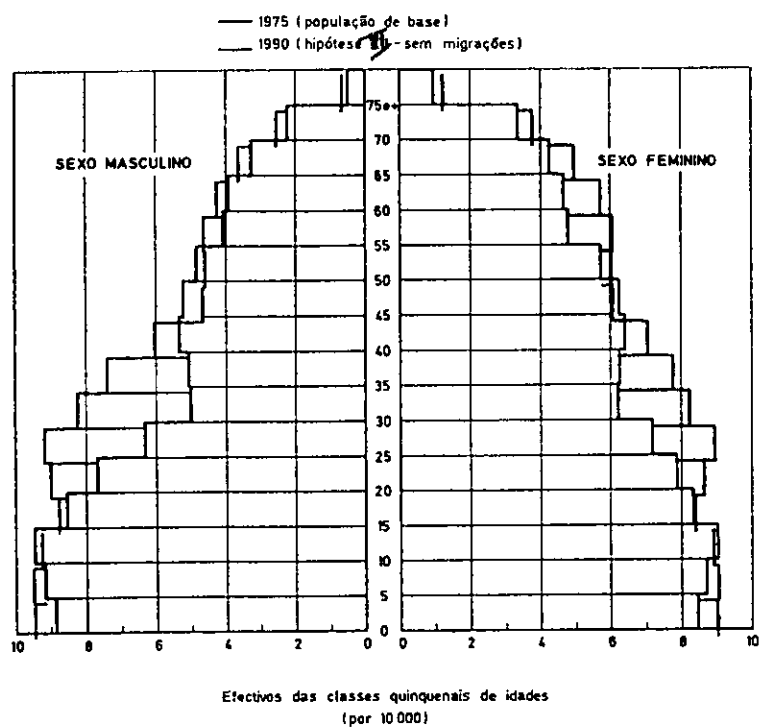


GRÁFICO VIII-Pirâmides etárias da população de Portugal em 31 de Dezembro de 1975 e 1990

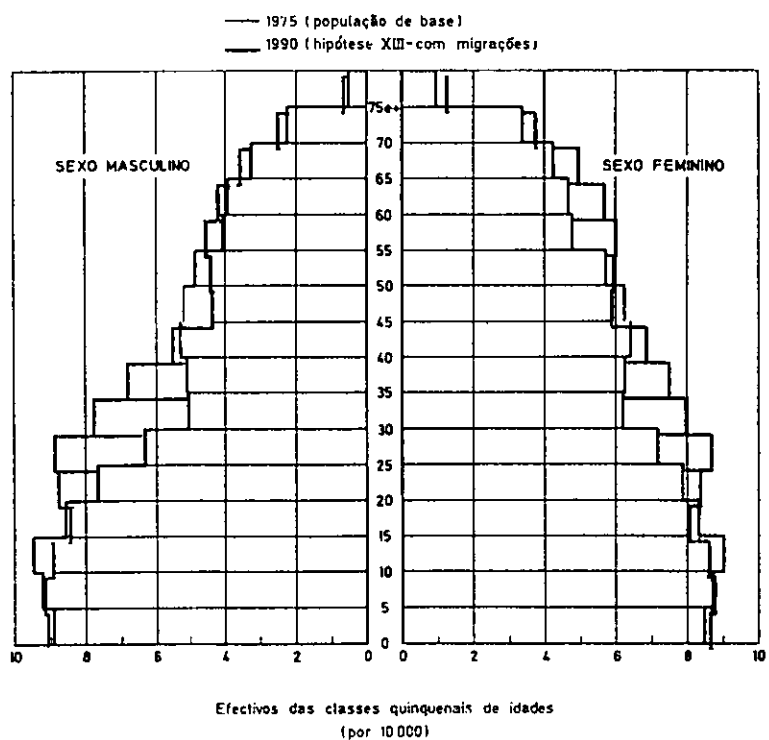
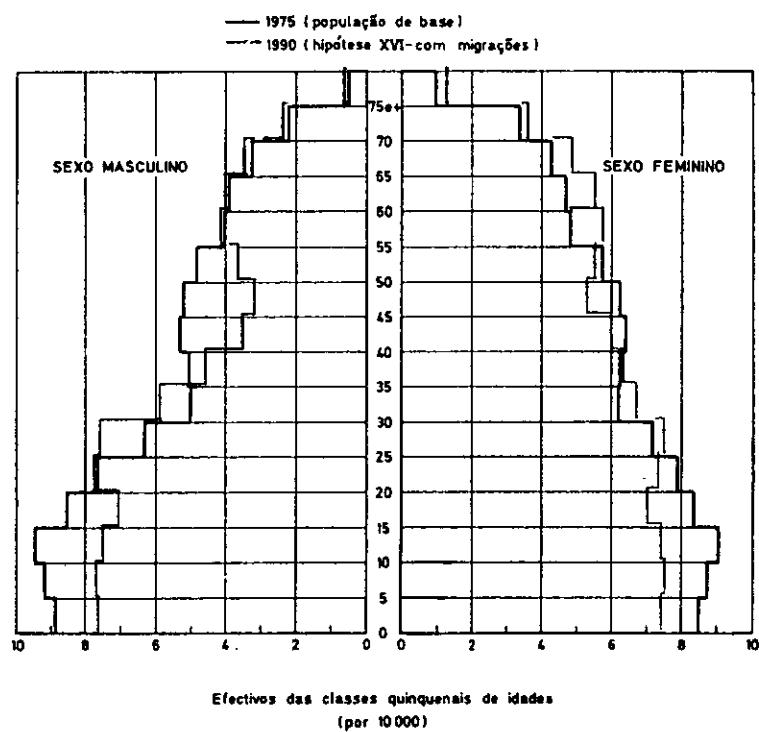


GRÁFICO IX - Pirâmides etárias da população de Portugal em 31 de Dezembro de 1975 e 1990



Uma estrutura naturalmente mais envelhecida corresponde à hipótese XVI, cujo efeito demográfico se traduz pela saída de 500 000 indivíduos por quinquénio. Um envelhecimento pela base (diminuição da fecundidade-nascimentos impedidos devido à emigração das mulheres em idade fecunda) e um envelhecimento pelo vértice caracterizam a configuração desta população.

Um envelhecimento pelo topo é uma das características a observar na população portuguesa em 1990, segundo os níveis de crescimento correspondentes às hipóteses VI e XIII.

A análise sintética efectuada sobre o «significado demográfico» das perspectivas da população portuguesa até 1990, deixam antever que esta evolução irá depender, em primeiro lugar dos níveis migratórios a observar no futuro. As várias hipóteses de evolução natural, embora apresentem especificidades bastante demarcadas (ex.: a intensidade e o calendário da fecundidade ...), não devem introduzir no cálculo das perspectivas alterações bastante profundas.

Estamos em crer, que a exploração das múltiplas hipóteses desenvolvidas (sem e com migrações) corresponderão aos limites mínimos e máximos, dentro dos quais a população portuguesa se irá movimentar nos 15 anos das projecções.

A «incerteza» da «presente» situação demográfica portuguesa, a profundidade e a orientação das transformações económico-sociais a efectuar até 1990, o ritmo do crescimento económico, etc., não deixarão de constituir factores eventualmente determinantes da dinâmica do próprio crescimento populacional.

3. Perspectivas de evolução da população

Quadro 11 — Perspectivas de evolução global

Quadros 12 a 23 — Perspectivas de evolução por sexos e idades

NOTA: Todos os cálculos preliminares foram efectuados em unidades representando os valores finais a respectiva redução a milhares.

**QUADRO 11 — PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE PORTUGAL,
EM FUNÇÃO DAS VARIAS HIPÓTESES DE CRESCIMENTO — 1980, 1985 e 1990 (31 de Dezembro)**

Milhares

Hipóteses de evolução	1980			1985			1990		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Sem migrações									
Hipótese I	10 069,6	4 780,5	5 289,1	10 534,3	5 019,7	5 514,6	11 018,1	5 270,3	5 747,8
» II	10 075,8	4 782,4	5 293,4	10 544,2	5 022,0	5 522,2	11 029,0	5 271,6	5 757,4
» III	10 075,8	4 782,4	5 293,4	10 487,2	4 992,9	5 494,3	10 840,3	5 175,4	5 664,9
» IV	10 075,8	4 782,4	5 293,4	10 552,7	5 027,3	5 525,4	11 064,9	5 288,6	5 776,3
» V	10 075,8	4 782,4	5 293,4	10 495,1	4 997,9	5 497,2	10 872,9	5 190,4	5 682,5
» VI	—	—	—	—	—	—	10 879,3	5 193,7	5 685,6
Com migrações									
Hipótese VII	10 020,8	4 751,0	5 269,8	10 380,4	4 932,9	5 447,5	10 694,2	5 089,8	5 604,4
» VIII	9 965,9	4 719,7	5 246,2	10 265,8	4 867,9	5 397,9	10 515,6	4 989,2	5 526,4
» IX	9 910,9	4 688,3	5 222,6	10 151,2	4 803,0	5 348,2	10 336,9	4 888,6	5 448,3
» X	9 801,0	4 625,5	5 175,5	9 921,9	4 672,9	5 249,0	9 979,6	4 687,3	5 292,3
» XI	9 526,3	4 468,8	5 057,5	9 348,8	4 348,1	5 000,7	9 086,5	4 184,4	4 902,1
Hipótese XII	—	—	—	—	—	—	10 700,6	5 093,1	5 607,5
» XIII	—	—	—	—	—	—	10 522,0	4 992,5	5 529,5
» XIV	—	—	—	—	—	—	10 343,3	4 891,9	5 451,4
» XV	—	—	—	—	—	—	9 986,0	4 690,6	5 295,4
» XVI	—	—	—	—	—	—	9 092,9	4 187,7	4 905,2

**QUADRO 12 — PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE PORTUGAL
POR SEXOS E GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980, 1985 e 1990**

Hipótese I — sem migrações

Milhares

Grupos etários	1980			1985			1990		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0 — 4	917,3	467,6	449,7	982,3	500,7	481,6	1 032,9	526,5	506,4
5 — 9	860,6	440,7	419,9	908,5	462,9	445,6	972,9	495,7	477,2
10 — 14	892,9	458,0	434,9	857,9	439,0	418,9	905,6	461,1	444,5
15 — 19	922,6	471,4	451,2	889,4	455,5	433,9	854,5	436,6	417,9
20 — 24	838,8	422,8	416,0	917,0	467,1	449,9	884,1	451,4	432,7
25 — 29	773,8	380,7	393,1	833,0	418,4	414,6	910,7	462,3	448,4
30 — 34	670,0	312,7	357,3	767,7	376,4	391,3	826,4	413,7	412,7
35 — 39	555,5	247,4	308,1	663,2	308,2	355,0	759,7	370,9	388,8
40 — 44	560,3	249,4	310,9	547,6	242,3	305,3	653,6	301,8	351,8
45 — 49	575,2	258,7	316,5	548,7	242,0	306,7	536,4	235,1	301,3
50 — 54	556,1	249,2	306,9	558,0	247,8	310,2	532,4	231,8	300,6
55 — 59	505,4	228,1	277,3	531,9	234,0	297,9	533,7	232,7	301,0
60 — 64	413,7	185,2	228,5	471,4	206,9	264,5	496,3	212,3	284,0
65 — 69	384,0	167,6	216,4	369,2	158,4	210,8	420,9	176,9	244,0
70 — 74	312,0	127,0	185,0	317,8	130,5	187,3	305,8	123,3	182,5
75 e mais	331,4	114,0	217,4	370,7	129,6	241,1	392,2	138,2	254,0
TOTAL	10 069,6	4 780,5	5 289,1	10 534,3	5 019,7	5 514,6	11 018,1	5 270,3	5 747,8
0 — 19	3 593,4	1 837,7	1 755,7	3 638,1	1 858,1	1 780,0	3 765,9	1 919,9	1 846,0
20 — 59	5 035,1	2 349,0	2 686,1	5 367,1	2 536,2	2 830,9	5 637,0	2 699,7	2 937,3
60 e mais	1 441,1	593,8	847,3	1 529,1	625,4	903,7	1 615,2	650,7	964,5

QUADRO 13 — PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE PORTUGAL
POR SEXOS E GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980, 1985 e 1990

Hipótese II — sem migrações

Milhares

Grupos etários	1980			1985			1990		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0 — 4	917,7	467,9	449,8	982,5	501,0	481,5	1 032,2	526,3	505,9
5 — 9	861,4	441,0	420,4	909,5	463,4	446,1	973,9	496,2	477,7
10 — 14	893,0	458,0	435,0	858,7	439,3	419,4	906,8	461,7	445,1
15 — 19	922,6	471,4	451,2	889,5	455,5	434,0	855,3	436,8	418,5
20 — 24	838,5	422,5	416,0	916,8	466,8	450,0	883,9	451,1	432,8
25 — 29	773,5	380,4	393,1	832,5	417,9	414,6	910,2	461,8	448,4
30 — 34	669,9	312,6	357,3	767,3	376,0	391,3	825,8	413,0	412,8
35 — 39	555,5	247,3	308,2	663,1	307,9	355,2	759,2	370,3	388,9
40 — 44	560,2	249,3	310,9	547,5	242,0	305,5	653,3	301,3	352,0
45 — 49	574,9	258,4	316,5	548,4	241,6	306,8	536,0	234,6	301,4
50 — 54	555,9	248,8	307,1	557,4	247,1	310,3	531,7	231,0	300,7
55 — 59	505,4	227,9	277,5	531,5	233,4	298,1	533,1	231,8	301,3
60 — 64	413,8	184,9	228,9	471,4	206,3	265,1	496,2	211,4	284,8
65 — 69	384,8	167,7	217,1	370,1	158,2	211,9	422,0	176,6	245,4
70 — 74	314,4	128,1	186,3	321,1	131,8	189,3	309,1	124,3	184,8
75 e mais	334,3	116,2	218,1	376,9	133,8	243,1	400,3	143,4	256,9
TOTAL	10 075,8	4 782,4	5 293,4	10 544,2	5 022,0	5 522,2	11 029,0	5 271,6	5 757,4
0 — 19	3 594,7	1 838,3	1 756,4	3 640,2	1 859,2	1 781,0	3 768,2	1 921,0	1 847,2
20 — 59	5 033,8	2 347,2	2 686,6	5 364,5	2 532,7	2 831,8	5 633,2	2 694,9	2 938,3
60 e mais	1 447,3	596,9	850,4	1 539,5	630,1	909,4	1 627,6	655,7	971,9

QUADRO 14 — PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE PORTUGAL
POR SEXOS E GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980, 1985 e 1990

Hipótese III — sem migrações

Milhares

Grupos etários	1980			1985			1990		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0 — 4	917,7	467,9	449,8	925,5	471,9	453,6	900,1	458,9	441,2
5 — 9	861,4	441,0	420,4	909,5	463,4	446,1	917,3	467,4	449,9
10 — 14	893,0	458,0	435,0	858,7	439,3	419,4	906,8	461,7	445,1
15 — 19	922,6	471,4	451,2	889,5	455,5	434,0	855,3	436,8	418,5
20 — 24	838,5	422,5	416,0	916,8	466,8	450,0	883,9	451,1	432,8
25 — 29	773,5	380,4	393,1	832,5	417,9	414,6	910,2	461,8	448,4
30 — 34	669,9	312,6	357,3	767,3	376,0	391,3	825,8	413,0	412,8
35 — 39	555,5	247,3	308,2	663,1	307,9	355,2	759,2	370,3	388,9
40 — 44	560,2	249,3	310,9	547,5	242,0	305,5	653,3	301,3	352,0
45 — 49	574,9	258,4	316,5	548,4	241,6	306,8	536,0	234,6	301,4
50 — 54	555,9	248,8	307,1	557,4	247,1	310,3	531,7	231,0	300,7
55 — 59	505,4	227,9	277,5	531,5	233,4	298,1	533,1	231,8	301,3
60 — 64	413,8	184,9	228,9	471,4	206,3	265,1	496,2	211,4	284,8
65 — 69	384,8	167,7	217,1	370,1	158,2	211,9	422,0	176,6	245,4
70 — 74	314,4	128,1	186,3	321,1	131,8	189,3	309,1	124,3	184,8
75 e mais	334,3	116,2	218,1	376,9	133,8	243,1	400,3	143,4	256,9
TOTAL	10 075,8	4 782,4	5 293,4	10 487,2	4 992,9	5 494,3	10 840,3	5 175,4	5 664,9
0 — 19	3 594,7	1 838,3	1 756,4	3 583,2	1 830,1	1 753,1	3 579,5	1 824,8	1 754,7
20 — 59	5 033,8	2 347,2	2 686,6	5 364,5	2 532,7	2 831,8	5 633,2	2 694,9	2 938,3
60 e mais	1 447,3	596,9	850,4	1 539,5	630,1	909,4	1 627,6	655,7	971,9

QUADRO 15 — PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE PORTUGAL
POR SEXOS E GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980, 1985 e 1990

Hipótese IV — sem migrações

Milhares

Grupos etários	1980			1985			1990		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0 — 4	917,7	467,9	449,8	992,5	507,2	485,3	1 051,3	537,7	513,6
5 — 9	861,4	441,0	420,4	910,7	464,2	446,5	986,7	504,1	482,6
10 — 14	893,0	458,0	435,0	858,9	439,4	419,5	908,4	462,7	445,7
15 — 19	922,6	471,4	451,2	889,4	455,4	434,0	855,4	436,8	418,6
20 — 24	838,5	422,5	416,0	916,4	466,4	450,0	882,9	450,0	432,9
25 — 29	773,5	380,4	393,1	832,1	417,4	414,7	908,5	459,8	448,7
30 — 34	669,9	312,6	357,3	767,0	375,6	391,4	825,0	411,9	413,1
35 — 39	555,5	247,3	308,2	663,0	307,7	355,3	758,6	369,3	389,3
40 — 44	560,2	249,3	310,9	548,3	242,4	305,9	654,6	301,6	353,0
45 — 49	574,9	258,4	316,5	548,4	241,3	307,1	536,5	234,1	302,4
50 — 54	555,9	248,8	307,1	557,8	247,0	310,8	532,1	230,2	301,9
55 — 59	505,4	227,9	277,5	532,3	233,9	298,4	534,9	232,6	302,3
60 — 64	413,8	184,9	228,9	472,7	207,5	265,2	500,0	214,2	285,8
65 — 69	384,8	167,7	217,1	372,5	159,8	212,7	428,8	180,5	248,3
70 — 74	314,4	128,1	186,3	322,1	131,6	190,5	315,0	126,2	188,8
75 e mais	334,3	116,2	218,1	368,6	130,5	238,1	386,2	136,9	249,3
TOTAL	10 075,8	4 782,4	5 293,4	10 552,7	5 027,3	5 525,4	11 064,9	5 288,6	5 776,3
0 — 19	3 594,7	1 838,3	1 756,4	3 651,5	1 866,2	1 785,3	3 801,8	1 941,3	1 860,5
20 — 59	5 033,8	2 347,2	2 686,6	5 365,3	2 531,7	2 833,6	5 633,1	2 689,5	2 943,6
60 e mais	1 447,3	596,9	850,4	1 535,9	629,4	906,5	1 630,0	657,8	972,2

QUADRO 16 — PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE PORTUGAL
POR SEXOS E GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980, 1985 e 1990

Hipótese V — sem migrações

Milhares

Grupos etários	1980			1985			1990		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0 — 4	917,7	467,9	449,8	934,8	477,7	457,1	916,6	468,8	447,8
5 — 9	861,4	441,0	420,4	910,7	464,2	446,5	929,3	474,8	454,5
10 — 14	893,0	458,0	435,0	858,9	439,4	419,5	908,4	462,7	445,7
15 — 19	922,6	471,4	451,2	889,4	455,4	434,0	855,4	436,8	418,6
20 — 24	838,5	422,5	416,0	916,4	466,4	450,0	882,8	449,9	432,9
25 — 29	773,5	380,4	393,1	832,1	417,4	414,7	908,5	459,8	448,7
30 — 34	669,9	312,6	357,3	767,0	375,6	391,4	825,0	411,9	413,1
35 — 39	555,5	247,3	308,2	663,0	307,7	355,3	758,6	369,3	389,3
40 — 44	560,2	249,3	310,9	548,3	242,4	305,9	654,6	301,6	353,0
45 — 49	574,9	258,4	316,5	548,4	241,3	307,1	536,5	234,1	302,4
50 — 54	555,9	248,8	307,1	557,8	247,0	310,8	532,1	230,2	301,9
55 — 59	505,4	227,9	277,5	532,3	233,9	298,4	534,9	232,6	302,3
60 — 64	413,8	184,9	228,9	472,7	207,5	265,2	500,1	214,2	285,9
65 — 69	384,8	167,7	217,1	372,5	159,8	212,7	428,8	180,5	248,3
70 — 74	314,4	128,1	186,3	322,1	131,6	190,5	315,1	126,3	188,8
75 e mais	334,3	116,2	218,1	368,7	130,6	238,1	386,2	136,9	249,3
TOTAL	10 075,8	4 782,4	5 293,4	10 495,1	4 997,9	5 497,2	10 872,9	5 190,4	5 682,5
0 — 19	3 594,7	1 838,3	1 756,4	3 593,8	1 836,7	1 757,1	3 609,7	1 843,1	1 766,6
20 — 59	5 033,8	2 347,2	2 686,6	5 365,3	2 531,7	2 833,6	5 633,0	2 689,4	2 943,6
60 e mais	1 447,3	596,9	850,4	1 536,0	629,5	906,5	1 630,2	657,9	972,3

QUADRO 17 — PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE PORTUGAL POR SEXOS E GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1990

Hipótese VI — sem migrações

Milhares

Grupos etários	1990		
	HM	H	M
1	2	3	4
0 — 4	923,0	472,1	450,9
5 — 9	929,3	474,8	454,5
10 — 14	908,4	462,7	445,7
15 — 19	855,4	436,8	418,6
20 — 24	882,8	449,9	432,9
25 — 29	908,5	459,8	448,7
30 — 34	825,0	411,9	413,1
35 — 39	758,6	369,3	389,3
40 — 44	654,6	301,6	353,0
45 — 49	536,5	234,1	302,4
50 — 54	532,1	230,2	301,9
55 — 59	534,9	232,6	302,3
60 — 64	500,1	214,2	285,9
65 — 69	428,8	180,5	248,3
70 — 74	315,1	126,3	188,8
75 e mais	386,2	136,9	249,3
TOTAL	10 879,3	5 193,7	5 685,6
0 — 19	3 616,1	1 846,4	1 769,7
20 — 59	5 633,0	2 689,4	2 943,6
60 e mais	1 630,2	657,9	972,3

QUADRO 18 — PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE PORTUGAL POR SEXOS E GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980, 1985 e 1990

Hipótese VII — com migrações

Milhares

Grupos etários	1980			1985			1990		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0 — 4	912,0	465,0	447,0	923,5	471,9	451,6	899,8	460,2	439,6
5 — 9	855,8	438,1	417,7	899,4	458,4	441,0	912,3	466,1	446,2
10 — 14	888,0	455,4	432,6	848,4	434,0	414,4	892,2	454,4	437,8
15 — 19	918,1	468,9	449,2	879,9	450,3	429,6	840,4	428,9	411,5
20 — 24	835,2	421,6	413,6	908,6	463,0	445,6	870,1	444,0	426,1
25 — 29	766,2	376,2	390,0	821,5	412,3	409,2	893,4	452,2	441,2
30 — 34	661,0	306,2	354,8	750,8	365,0	385,8	805,5	400,4	405,1
35 — 39	550,3	243,9	306,4	649,0	298,0	351,0	737,4	355,5	381,9
40 — 44	556,1	246,6	309,5	539,0	236,3	302,7	636,6	289,3	347,3
45 — 49	572,6	257,0	315,6	542,1	237,3	304,8	525,3	226,9	298,4
50 — 54	554,7	248,1	306,6	554,4	245,0	309,4	524,9	225,7	299,2
55 — 59	504,7	227,6	277,1	530,5	233,0	297,5	531,0	230,4	300,6
60 — 64	413,3	184,7	228,6	471,6	207,0	264,6	497,9	213,1	284,8
65 — 69	384,4	167,5	216,9	371,7	159,5	212,2	427,5	180,0	247,5
70 — 74	314,1	128,0	186,1	321,3	131,3	190,0	313,7	125,8	187,9
75 e mais	334,3	116,2	218,1	368,7	130,6	238,1	386,2	136,9	249,3
TOTAL	10 020,8	4 751,0	5 269,8	10 380,4	4 932,9	5 447,5	10 694,2	5 089,8	5 604,4
0 — 19	3 573,9	1 827,4	1 746,5	3 551,2	1 814,6	1 736,6	3 544,7	1 809,6	1 735,1
20 — 59	5 000,8	2 327,2	2 673,6	5 295,9	2 489,9	2 806,0	5 524,2	2 624,4	2 899,8
60 e mais	1 446,1	596,4	849,7	1 533,3	628,4	904,9	1 625,3	655,8	969,5

**QUADRO 19 — PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE PORTUGAL
POR SEXOS E GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980, 1985 e 1990**

Hipótese VIII — com migrações

Milhares

Grupos etários	1980			1985			1990		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0 — 4	906,3	462,1	444,2	912,0	466,1	445,9	882,7	451,5	431,2
5 — 9	850,4	435,3	415,1	888,4	452,7	435,7	895,8	457,6	438,2
10 — 14	883,0	452,8	430,2	837,9	428,5	409,4	876,2	446,1	430,1
15 — 19	913,5	466,4	447,1	870,4	445,3	425,1	825,4	421,0	404,4
20 — 24	831,8	420,6	411,2	900,7	459,5	441,2	857,2	437,9	419,3
25 — 29	758,8	371,9	386,9	810,8	407,0	403,8	878,3	444,5	433,8
30 — 34	652,1	299,8	352,3	734,6	354,4	380,2	786,0	388,8	397,2
35 — 39	545,2	240,5	304,7	635,1	288,3	346,8	716,3	341,7	374,6
40 — 44	552,0	243,9	308,1	529,9	230,3	299,6	618,9	277,2	341,7
45 — 49	570,3	255,6	314,7	535,9	233,3	302,6	514,0	219,6	294,4
50 — 54	553,5	247,5	306,0	551,0	243,0	308,0	517,6	221,2	296,4
55 — 59	504,1	227,3	276,8	528,7	232,1	296,6	527,1	228,3	298,8
60 — 64	412,9	184,6	228,3	470,6	206,7	263,9	495,9	212,3	283,6
65 — 69	384,1	167,4	216,7	370,9	159,2	211,7	426,1	179,4	246,7
70 — 74	313,6	127,8	185,8	320,2	130,9	189,3	311,9	125,2	186,7
75 e mais	334,3	116,2	218,1	368,7	130,6	238,1	386,2	136,9	249,3
TOTAL	9 965,9	4 719,7	5 246,2	10 265,8	4 867,9	5 397,9	10 515,6	4 989,2	5 526,4
0 — 19	3 553,2	1 816,6	1 736,6	3 508,7	1 792,6	1 716,1	3 480,1	1 776,2	1 703,9
20 — 59	4 967,8	2 307,1	2 660,7	5 226,7	2 447,9	2 778,8	5 415,4	2 559,2	2 856,2
60 e mais	1 444,9	596,0	848,9	1 530,4	627,4	903,0	1 620,1	653,8	966,3

**QUADRO 20 — PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE PORTUGAL
POR SEXOS E GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980, 1985 e 1990**

Hipótese IX — com migrações

Milhares

Grupos etários	1980			1985			1990		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0 — 4	900,7	459,2	441,5	900,8	460,3	440,5	866,0	442,9	423,1
5 — 9	844,8	432,4	412,4	877,2	447,0	430,2	878,9	449,0	429,9
10 — 14	877,9	450,2	427,7	827,3	423,1	404,2	859,9	437,8	422,1
15 — 19	909,0	463,9	445,1	860,9	440,2	420,7	810,4	413,1	397,3
20 — 24	828,6	419,7	408,9	893,1	456,2	436,9	844,7	432,1	412,6
25 — 29	751,5	367,7	383,8	800,2	401,9	398,3	863,2	436,9	426,3
30 — 34	643,2	293,4	349,8	718,4	343,8	374,6	766,5	377,3	389,2
35 — 39	539,9	237,0	302,9	621,0	278,5	342,5	695,0	327,7	367,3
40 — 44	548,0	241,2	306,8	520,8	224,3	296,5	601,2	265,0	336,2
45 — 49	568,0	254,2	313,8	529,6	229,3	300,3	502,8	212,4	290,4
50 — 54	552,2	246,8	305,4	547,4	240,9	306,5	510,2	216,6	293,6
55 — 59	503,5	227,1	276,4	526,9	231,2	295,7	523,2	226,1	297,1
60 — 64	412,4	184,4	228,0	469,4	206,2	263,2	493,5	211,2	282,3
65 — 69	383,6	167,2	216,4	370,1	158,9	211,2	424,7	178,9	245,8
70 — 74	313,3	127,7	185,6	319,4	130,6	188,8	310,5	124,7	185,8
75 e mais	334,3	116,2	218,1	368,7	130,6	238,1	386,2	136,9	249,3
TOTAL	9 910,9	4 688,3	5 222,6	10 151,2	4 803,0	5 348,2	10 336,9	4 888,6	5 448,3
0 — 19	3 532,4	1 805,7	1 726,7	3 466,2	1 770,6	1 695,6	3 415,2	1 742,8	1 672,4
20 — 59	4 934,9	2 287,1	2 647,8	5 157,4	2 406,1	2 751,3	5 306,8	2 494,1	2 812,7
60 e mais	1 443,6	595,5	848,1	1 527,6	626,3	901,3	1 614,9	651,7	963,2

**QUADRO 21 — PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE PORTUGAL
POR SEXOS E GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980, 1985 e 1990**

Hipótese X — com migrações

Milhares

Grupos etários	1980			1985			1990		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0 — 4	889,3	453,4	435,9	878,1	448,7	429,4	832,1	425,6	406,5
5 — 9	833,8	428,7	407,1	854,9	435,5	419,4	845,3	431,7	413,6
10 — 14	868,0	445,1	422,9	806,4	412,3	394,1	827,9	421,3	406,6
15 — 19	900,0	458,9	441,1	841,8	430,0	411,8	780,5	397,3	383,2
20 — 24	821,8	417,7	404,1	877,2	449,2	428,0	818,9	420,0	398,9
25 — 29	736,8	359,2	377,6	778,9	391,5	387,4	832,9	421,6	411,3
30 — 34	625,3	280,6	344,7	686,0	322,7	363,3	727,6	354,4	373,2
35 — 39	529,6	230,2	299,4	593,2	259,2	334,0	652,8	300,2	352,6
40 — 44	539,8	235,8	304,0	502,3	212,1	290,2	565,4	240,5	324,9
45 — 49	563,4	251,3	312,1	517,1	221,2	295,9	480,3	197,8	282,5
50 — 54	549,8	245,5	304,3	540,6	236,9	303,7	495,7	207,6	288,1
55 — 59	502,2	226,5	275,7	523,3	229,4	293,9	515,4	221,8	293,6
60 — 64	411,5	184,1	227,4	467,3	205,4	261,9	489,2	209,2	280,0
65 — 69	382,9	166,9	216,0	368,5	158,3	210,2	422,0	177,9	244,1
70 — 74	312,5	127,4	185,1	317,6	129,9	187,7	307,4	123,5	183,9
75 e mais	334,3	116,2	218,1	368,7	130,6	238,1	386,2	136,9	249,3
TOTAL	9 801,0	4 625,5	5 175,5	9 921,9	4 672,9	5 249,0	9 979,6	4 687,8	5 292,3
0 — 19	3 491,1	1 784,1	1 707,0	3 381,2	1 726,5	1 654,7	3 285,8	1 675,9	1 609,9
20 — 59	4 868,7	2 246,8	2 621,9	5 018,6	2 322,2	2 696,4	5 089,0	2 363,9	2 725,1
60 e mais	1 441,2	594,6	846,6	1 522,1	624,2	897,9	1 604,8	647,5	957,3

**QUADRO 22 — PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE PORTUGAL
POR SEXOS E GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980, 1985 e 1990**

Hipótese XI — com migrações

Milhares

Grupos etários	1980			1985			1990		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0 — 4	860,9	438,9	422,0	821,3	419,7	401,6	747,6	382,4	365,2
5 — 9	806,3	412,5	393,8	799,2	406,9	392,3	761,6	388,8	372,8
10 — 14	842,9	432,1	410,8	753,9	385,1	368,8	747,2	379,7	367,5
15 — 19	877,2	446,3	430,9	794,2	404,6	389,6	705,4	357,7	347,7
20 — 24	805,2	413,0	392,2	838,1	432,1	406,0	755,0	390,1	364,9
25 — 29	700,0	338,0	362,0	725,5	365,6	359,9	757,3	383,5	373,8
30 — 34	580,9	248,7	332,2	605,1	269,8	335,3	630,2	296,8	333,4
35 — 39	503,6	213,1	290,5	523,2	210,6	312,6	546,8	231,0	315,8
40 — 44	519,5	222,4	297,1	456,5	182,0	274,5	476,4	179,6	296,8
45 — 49	552,0	244,3	307,7	485,8	201,1	284,7	424,1	161,5	262,6
50 — 54	543,6	242,1	301,5	523,3	226,8	296,5	459,4	185,1	274,3
55 — 59	498,9	225,1	273,8	514,2	224,9	289,3	495,6	210,9	284,7
60 — 64	409,3	183,3	226,0	462,0	203,3	258,7	478,5	204,3	274,2
65 — 69	380,9	166,0	214,9	364,5	156,7	207,8	415,3	175,2	240,1
70 — 74	310,8	126,8	184,0	313,3	128,3	185,0	299,9	120,9	179,0
75 e mais	334,3	116,2	218,1	368,7	130,6	238,1	386,2	136,9	249,3
TOTAL	9 526,3	4 468,8	5 057,5	9 348,8	4 348,1	5 000,7	9 086,5	4 184,4	4 902,1
0 — 19	3 387,3	1 729,8	1 657,5	3 168,6	1 616,3	1 552,3	2 961,8	1 508,6	1 453,2
20 — 59	4 703,7	2 146,7	2 557,0	4 671,7	2 112,9	2 558,8	4 544,8	2 038,5	2 506,3
60 e mais	1 435,3	592,3	843,0	1 508,5	618,9	889,6	1 579,9	637,3	942,6

QUADRO 23 — PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE PORTUGAL
POR SEXOS E GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1990

Hipóteses XII, XIII, XIV, XV e XVI — com migrações

Milhares

Grupos etários	Hipótese XII			Hipótese XIII			Hipótese XIV		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0 — 4	906,2	463,5	442,7	889,1	454,8	434,3	872,4	446,2	426,2
5 — 9	912,3	466,1	446,2	895,8	457,6	438,2	878,9	449,0	429,9
10 — 14	892,2	454,4	437,8	876,2	446,1	430,1	859,9	437,8	422,1
15 — 19	840,4	428,9	411,5	825,4	421,0	404,4	810,4	413,1	397,3
20 — 24	870,1	444,0	426,1	857,2	437,9	419,3	844,7	432,1	412,6
25 — 29	893,4	452,2	441,2	878,3	444,5	433,8	863,2	436,9	426,3
30 — 34	805,5	400,4	405,1	786,0	388,8	397,2	766,5	377,3	389,2
35 — 39	737,4	355,5	381,9	716,3	341,7	374,6	695,0	327,7	367,3
40 — 44	636,6	289,3	347,3	618,9	277,2	341,7	601,2	265,0	336,2
45 — 49	525,3	226,9	298,4	514,0	219,6	294,4	502,8	212,4	290,4
50 — 54	524,9	225,7	299,2	517,6	221,2	296,4	510,2	216,6	293,6
55 — 59	531,0	230,4	300,6	527,1	228,3	298,8	523,2	226,1	297,1
60 — 64	497,9	213,1	284,8	495,9	218,3	283,6	493,5	211,2	282,3
65 — 69	427,5	180,0	247,5	426,1	179,4	246,7	424,7	178,9	245,8
70 — 74	313,7	125,8	187,9	311,9	125,2	186,7	310,5	124,7	185,8
75 e mais	386,2	136,9	249,3	386,2	136,9	249,3	386,2	136,9	249,3
TOTAL	10 700,6	5 093,1	5 607,5	10 522,0	4 992,5	5 529,5	10 343,3	4 891,9	5 451,4
0 — 19	3 551,1	1 812,9	1 738,2	3 486,5	1 779,5	1 707,0	3 421,6	1 746,1	1 675,5
20 — 59	5 524,2	2 624,4	2 899,8	5 415,4	2 559,2	2 856,2	5 306,8	2 494,1	2 812,7
60 e mais	1 625,3	655,8	969,5	1 620,1	653,8	966,3	1 614,9	651,7	963,2

Grupos etários	Hipótese XV			Hipótese XVI		
	HM	H	M	HM	H	M
11	12	13	14	15	16	17
0 — 4	838,5	428,9	409,6	754,0	385,7	368,3
5 — 9	845,3	431,7	413,6	761,6	388,8	372,8
10 — 14	827,9	421,3	406,6	747,2	379,7	367,5
15 — 19	780,5	397,3	383,2	705,4	357,7	347,7
20 — 24	818,9	420,0	398,9	755,0	390,1	364,9
25 — 29	832,9	421,6	411,3	757,3	383,5	373,8
30 — 34	727,6	354,4	373,2	630,2	296,8	333,4
35 — 39	652,8	300,2	352,6	546,8	231,0	315,8
40 — 44	565,4	240,5	324,9	476,4	179,6	296,8
45 — 49	480,3	197,8	282,5	424,1	161,5	262,6
50 — 54	495,7	207,6	288,1	459,4	185,1	274,3
55 — 59	515,4	221,8	293,6	495,6	210,9	284,7
60 — 64	489,2	209,2	280,0	478,5	204,3	274,2
65 — 69	422,0	177,9	244,1	415,3	175,2	240,1
70 — 74	307,4	123,5	183,9	299,9	120,9	179,0
75 e mais	386,2	136,9	249,3	386,2	136,9	249,3
TOTAL	9 986,0	4 690,6	5 295,4	9 092,9	4 187,7	4 805,2
0 — 19	3 292,2	1 679,2	1 613,0	2 968,2	1 511,9	1 456,3
20 — 59	5 089,0	2 363,9	2 725,1	4 544,8	2 038,5	2 506,3
60 e mais	1 604,8	647,5	957,3	1 579,9	637,3	942,6

4. Anexo

Gráficos X a XVI — Quocientes perspectivos de mortalidade segundo a idade e o sexo

Quadros 24 a 26 — Efeito demográfico do movimento emigratório em 31 de Dezembro de 1980, 1985 e 1990

GRÁFICO X - QUOCIENTES PERSPECTIVOS DE MORTALIDADE - K_N e K_{0-4} -SEXOS MASCULINO E FEMININO

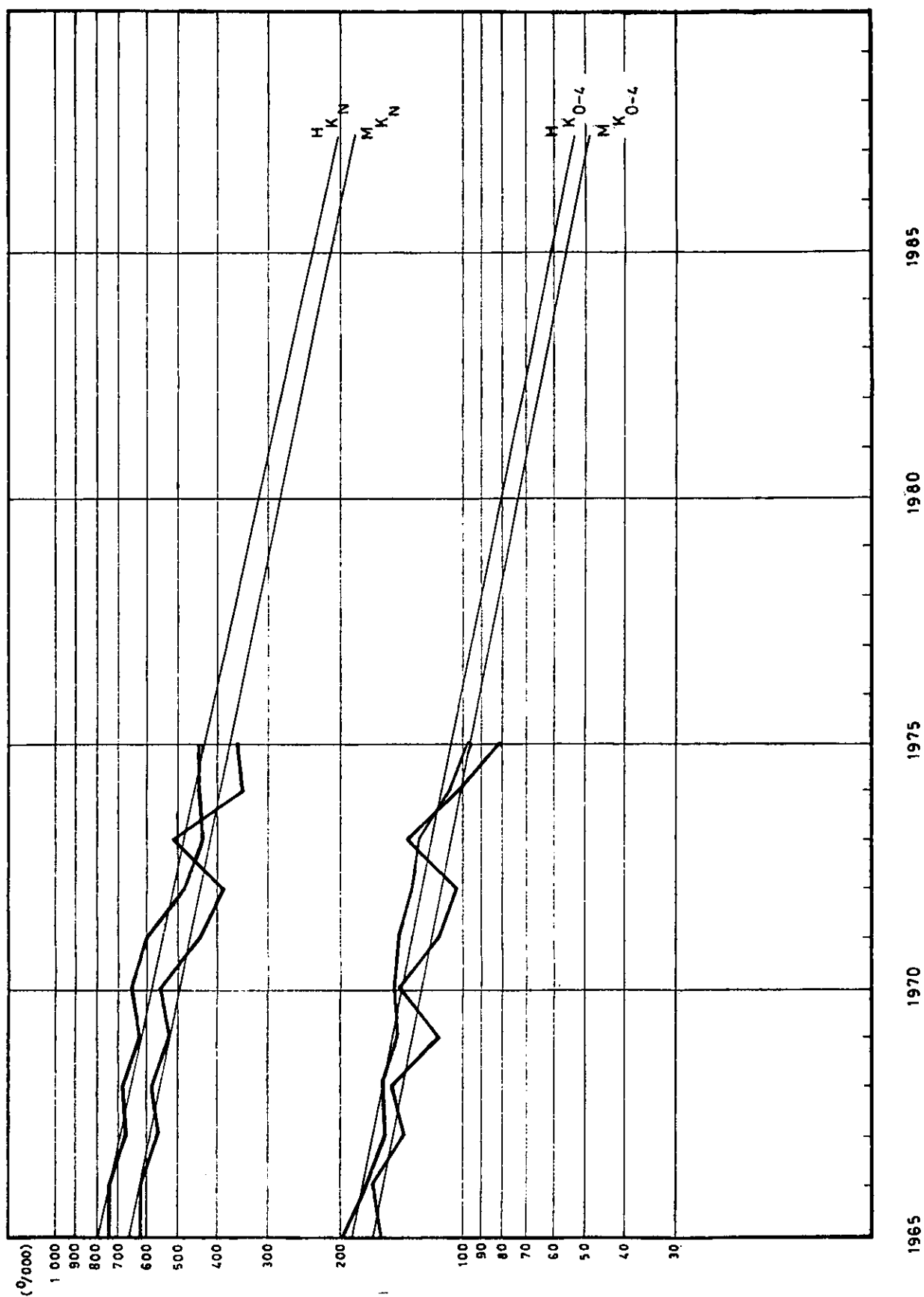


GRÁFICO XI - QUOCIENTES PERSPECTIVOS DE MORTALIDADE - K_{5-9} , K_{10-14} e K_{15-19} - SEXOS MASCULINO e FEMININO

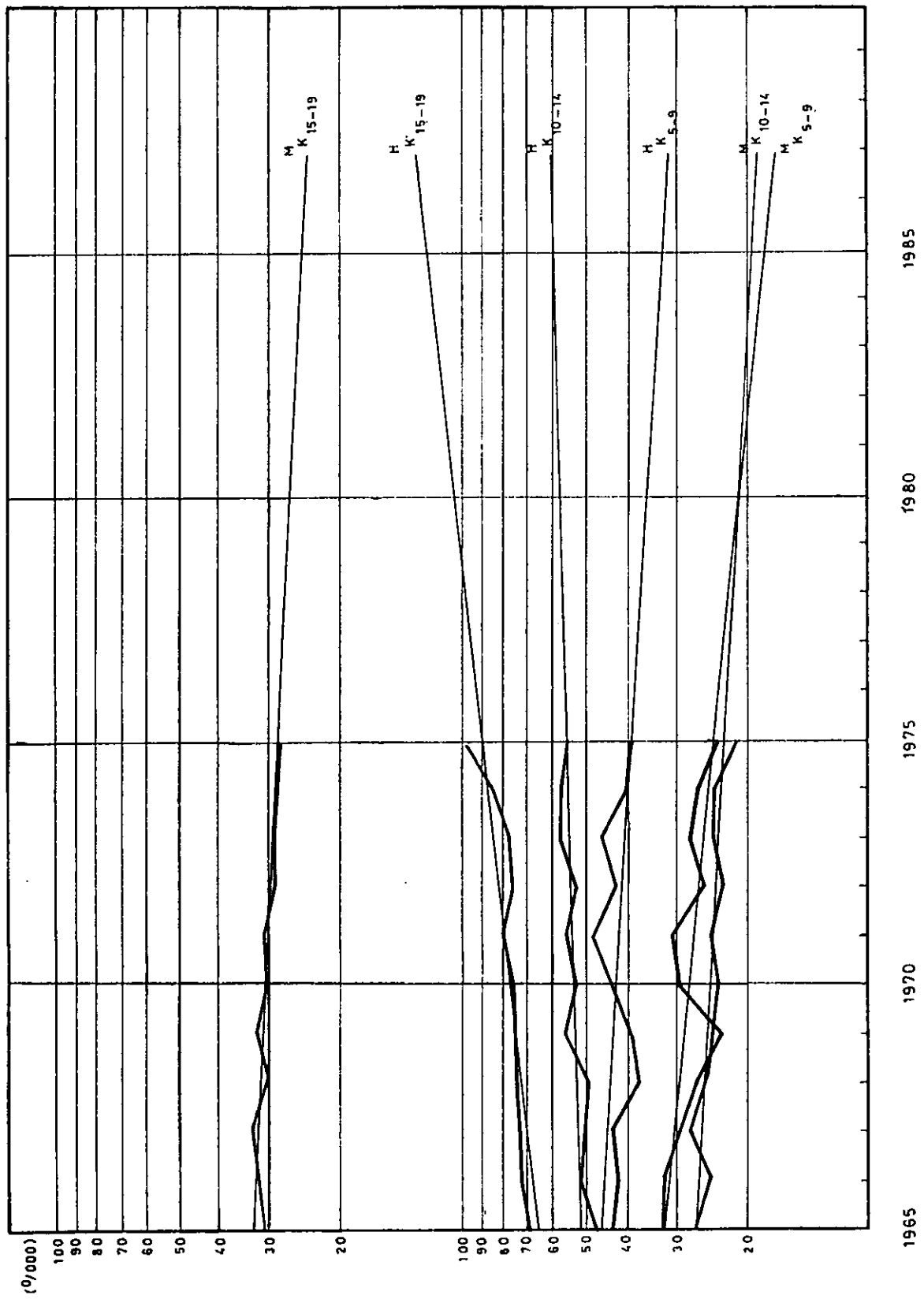


GRÁFICO XII — QUOCIENTES PERSPECTIVOS DE MORTALIDADE — K_{70e+} e K_{75e+} — SEXOS MASCULINO e FEMININO

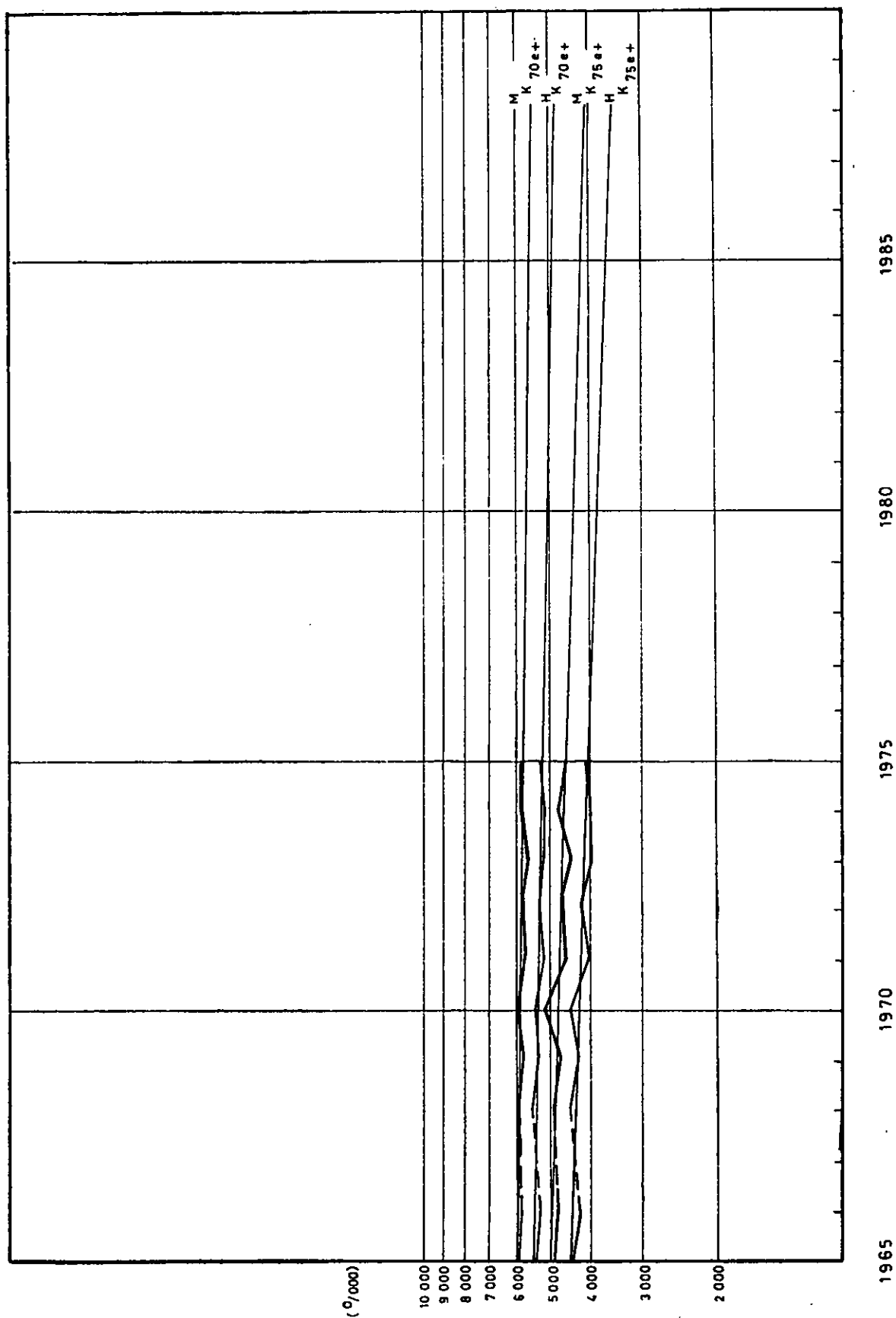


GRÁFICO XIII - QUOCIENTES PERSPECTIVOS DE MORTALIDADE - K₂₀₋₂₄ a K₅₀₋₅₄ - SEXO MASCULINO

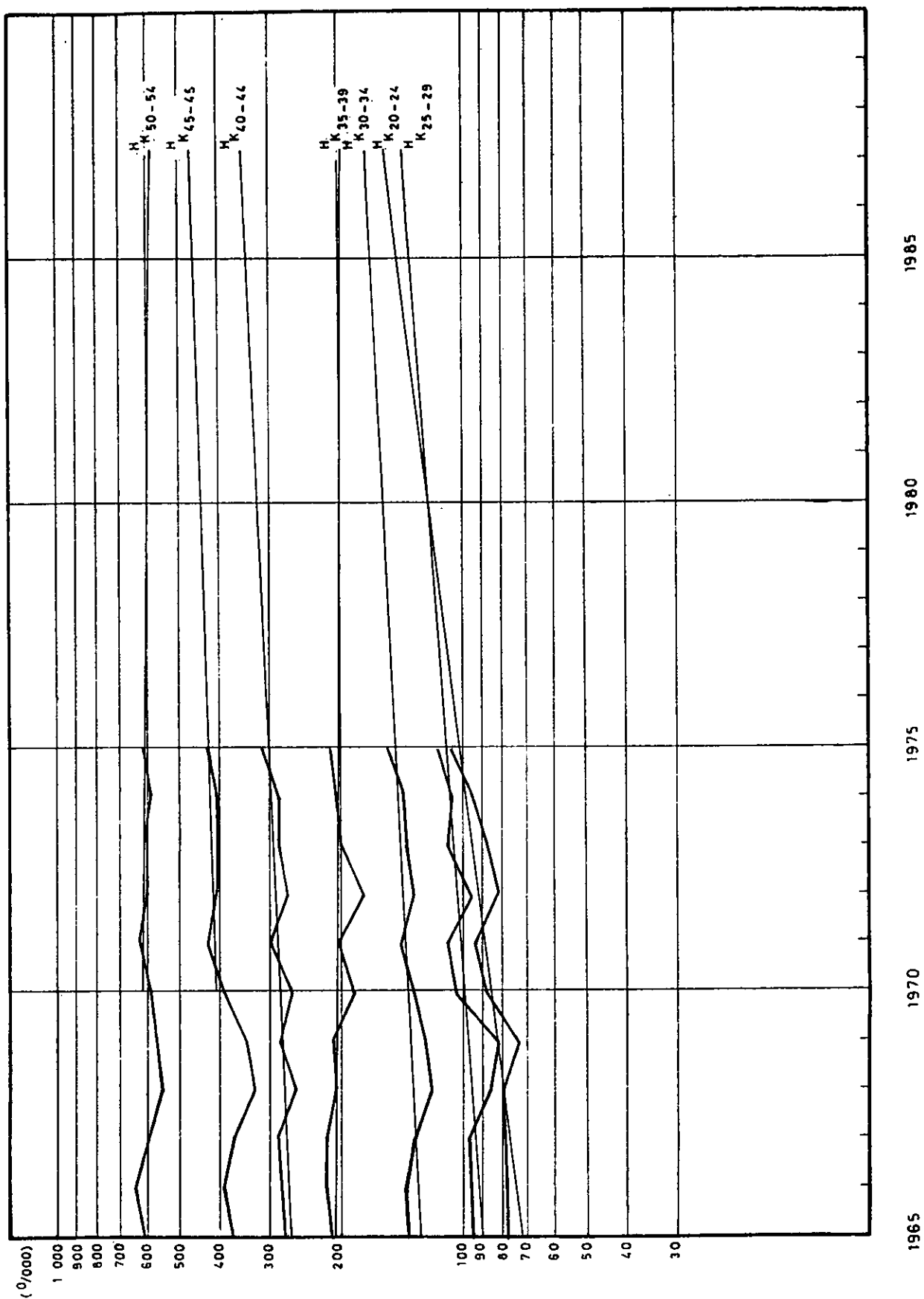


GRÁFICO XIV - QUOCIENTES PERSPECTIVOS DE MORTALIDADE - $^H K_{55-59}$ a $^H K_{70-74}$ - SEXO MASCULINO

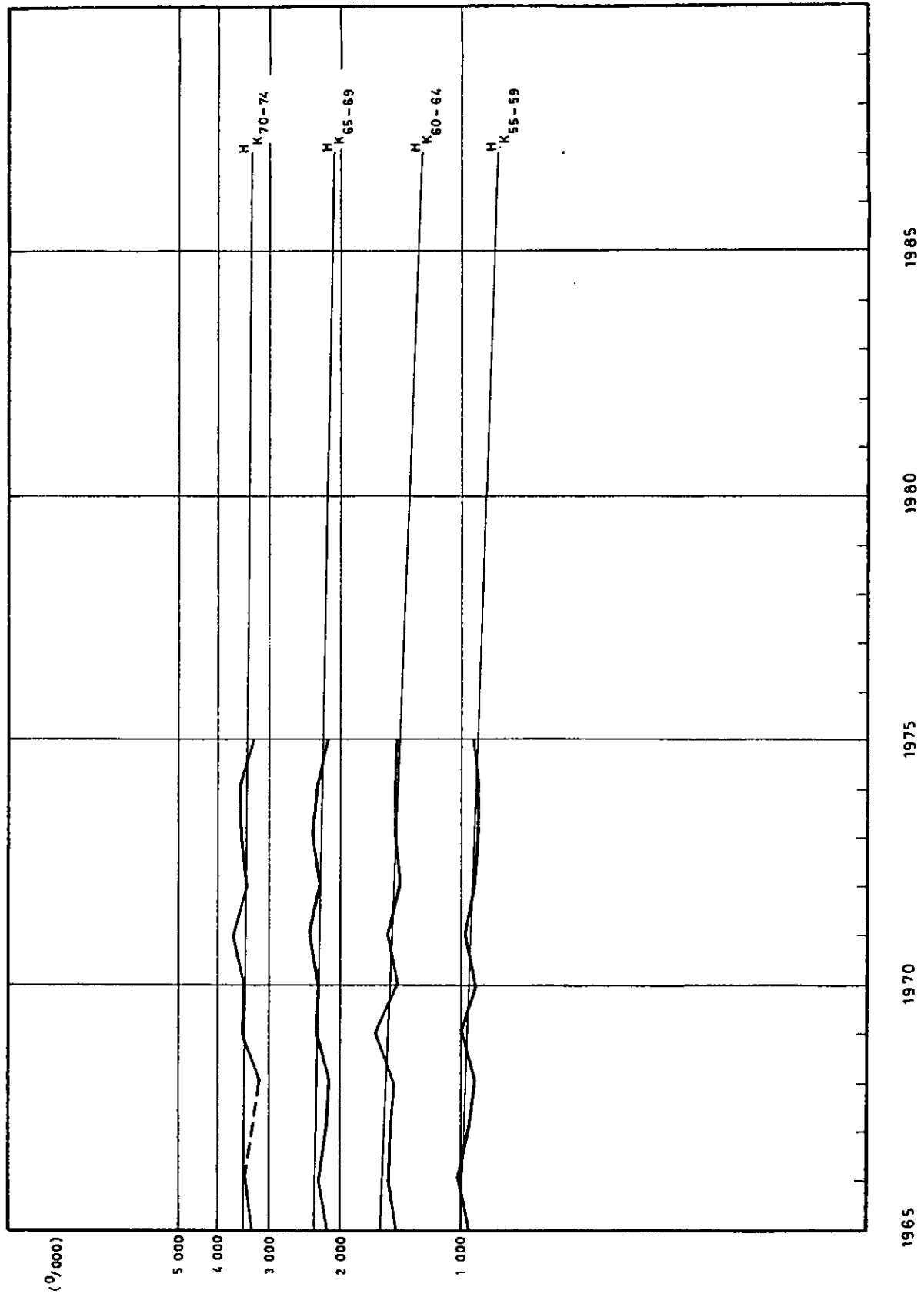


GRÁFICO XV — QUOCIENTES PERSPECTIVOS DE MORTALIDADE— M_K K_{20-24} a M_K K_{60-64} —SEXO FEMININO

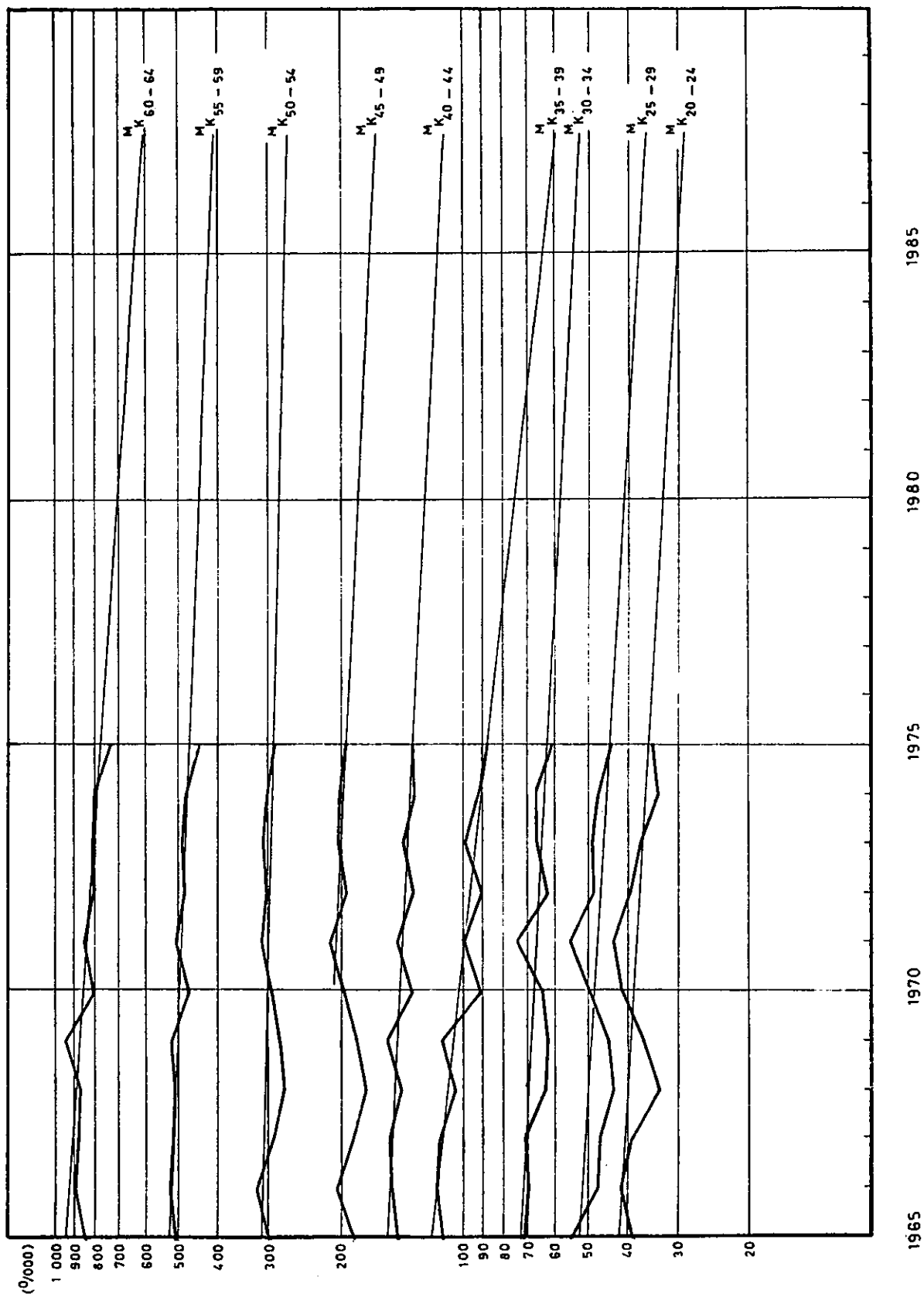
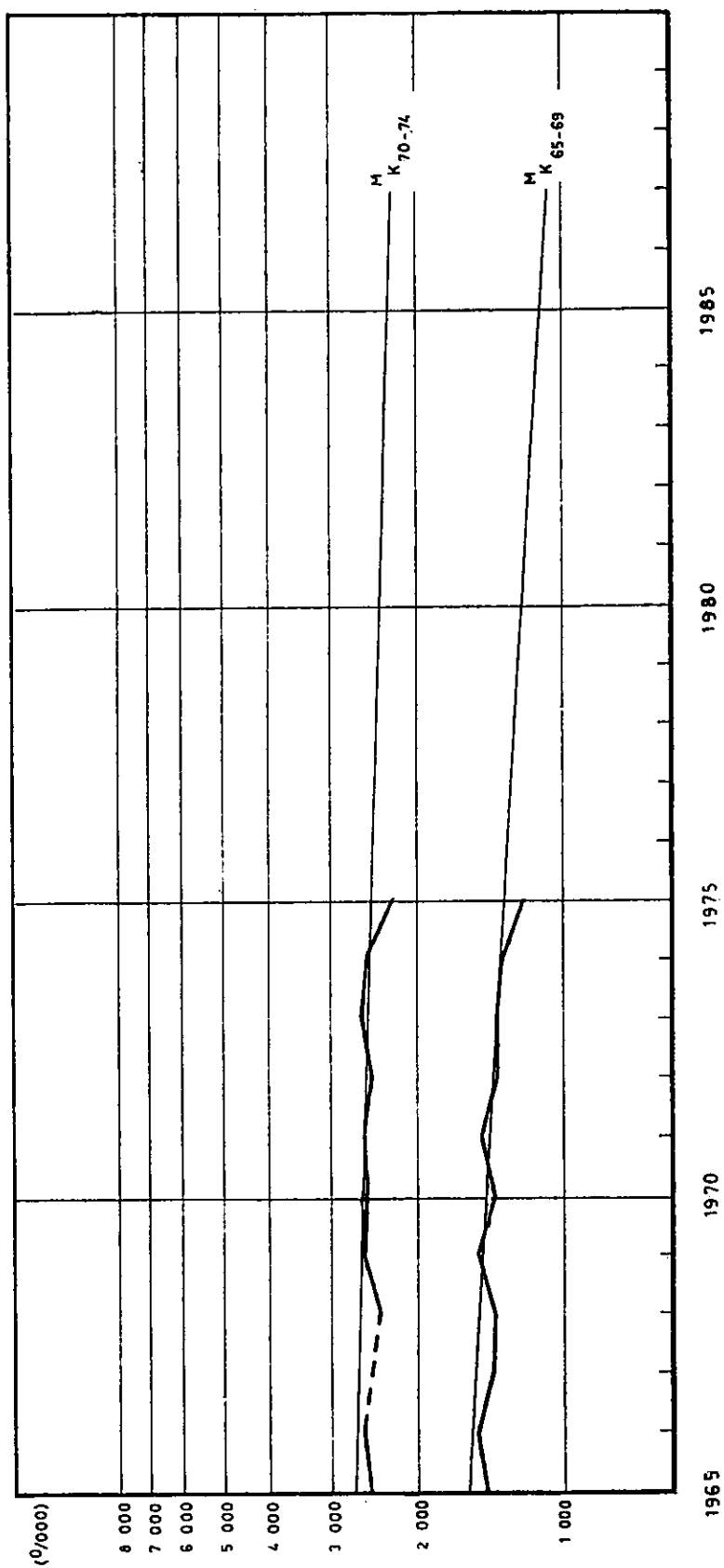


GRÁFICO XVI - QUOCIENTES PERSPECTIVOS DE MORTALIDADE - K₆₅₋₆₉ e K₇₀₋₇₄ - SEXO FEMININO



QUADRO 24 — EFEITO DEMOGRAFICO DOS DIFERENTES NIVEIS MIGRATORIOS, POR SEXOS E GRUPOS ETARIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980

Milhares

Níveis migratórios Grupos etários	50 000			100 000			150 000			250 000			500 000		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
0 — 4	5,7	2,9	2,8	11,4	5,8	5,6	17,0	8,7	8,3	28,4	14,5	13,9	56,8	29,0	27,8
5 — 9	5,6	2,9	2,7	11,0	5,7	5,3	16,6	8,6	8,0	27,6	14,3	13,3	55,1	28,5	26,6
10 — 14	5,0	2,6	2,4	10,0	5,2	4,8	15,1	7,8	7,3	25,0	12,9	12,1	50,1	25,9	24,2
15 — 19	4,5	2,5	2,0	9,1	5,0	4,1	13,6	7,5	6,1	22,6	12,5	10,1	45,4	25,1	20,3
20 — 24	3,3	0,9	2,4	6,7	1,9	4,8	9,9	2,8	7,1	16,7	4,8	11,9	33,3	9,5	23,8
25 — 29	7,3	4,2	3,1	14,7	8,5	6,2	22,0	12,7	9,3	36,7	21,2	15,5	73,5	42,4	31,1
30 — 34	8,9	6,4	2,5	17,8	12,8	5,0	26,7	19,2	7,5	44,6	32,0	12,6	89,0	63,9	25,1
35 — 39	5,2	3,4	1,8	10,3	6,8	3,5	15,6	10,3	5,3	25,9	17,1	8,8	51,9	34,2	17,7
40 — 44	4,1	2,7	1,4	8,2	5,4	2,8	12,2	8,1	4,1	20,4	13,5	6,9	40,7	26,9	13,8
45 — 49	2,3	1,4	0,9	4,6	2,8	1,8	6,9	4,2	2,7	11,5	7,1	4,4	22,9	14,1	8,8
50 — 54	1,2	0,7	0,5	2,4	1,3	1,1	3,7	2,0	1,7	6,1	3,3	2,8	12,3	6,7	5,6
55 — 59	0,7	0,3	0,4	1,3	0,6	0,7	1,9	0,8	1,1	3,2	1,4	1,8	6,5	2,8	3,7
60 — 64	0,5	0,2	0,3	0,9	0,3	0,6	1,4	0,5	0,9	2,3	0,8	1,5	4,5	1,6	2,9
65 — 69	0,4	0,2	0,2	0,7	0,3	0,4	1,2	0,5	0,7	1,9	0,8	1,1	3,9	1,7	2,2
70 e mais	0,3	0,1	0,2	0,8	0,3	0,5	1,1	0,4	0,7	1,9	0,7	1,2	3,6	1,3	2,3
TOTAL	55,0	31,4	23,6	109,9	62,7	47,2	164,9	94,1	70,8	274,8	156,9	117,9	549,5	313,6	235,9
0 — 19	20,8	10,9	9,9	41,5	21,7	19,8	62,3	32,6	29,7	103,6	54,2	49,4	207,4	108,5	98,9
20 — 59	33,0	20,0	13,0	66,0	40,1	25,9	98,9	60,1	38,8	165,1	100,4	64,7	330,1	200,5	129,6
60 e mais	1,2	0,5	0,7	2,4	0,9	1,5	3,7	1,4	2,3	6,1	2,3	3,8	12,0	4,6	7,4

QUADRO 25 — EFEITO DEMOGRAFICO DOS DIFERENTES NIVEIS MIGRATORIOS, POR SEXOS E GRUPOS ETARIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1985

Milhares

Níveis migratórios Grupos etários	50 000			100 000			150 000			250 000			500 000		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
0 — 4	11,3	5,8	5,5	22,8	11,6	11,2	34,0	17,4	16,6	56,7	29,0	27,7	113,5	58,0	55,5
5 — 9	11,3	5,8	5,5	22,3	11,5	10,8	33,5	17,2	16,3	55,8	28,7	27,1	111,5	57,3	54,2
10 — 14	10,5	5,4	5,1	21,0	10,9	10,1	31,6	16,3	15,3	52,5	27,1	25,4	105,0	54,3	50,7
15 — 19	9,5	5,1	4,4	19,0	10,1	8,9	28,5	15,2	13,3	47,6	25,4	22,2	95,2	50,8	44,4
20 — 24	7,8	3,4	4,4	15,7	6,9	8,8	23,3	10,2	13,1	39,2	17,2	22,0	78,3	34,3	44,0
25 — 29	10,6	5,1	5,5	21,3	10,4	10,9	31,9	15,5	16,4	53,2	25,9	27,3	106,6	51,8	54,8
30 — 34	16,2	10,6	5,6	32,4	21,2	11,2	48,6	31,8	16,8	81,0	52,9	28,1	161,9	105,8	56,1
35 — 39	14,0	9,7	4,3	27,9	19,4	8,5	42,0	29,2	12,8	69,8	48,5	21,3	139,8	97,1	42,7
40 — 44	9,3	6,1	3,2	18,4	12,1	6,3	27,5	18,1	9,4	46,0	30,3	15,7	91,8	60,4	31,4
45 — 49	6,3	4,0	2,3	12,5	8,0	4,5	18,8	12,0	6,8	31,3	20,1	11,2	62,6	40,2	22,4
50 — 54	3,4	2,0	1,4	6,8	4,0	2,8	10,4	6,1	4,3	17,2	10,1	7,1	34,5	20,2	14,3
55 — 59	1,8	0,9	0,9	3,6	1,8	1,8	5,4	2,7	2,7	9,0	4,5	4,5	18,1	9,0	9,1
60 — 64	1,1	0,5	0,6	2,1	0,8	1,3	3,3	1,3	2,0	5,4	2,1	3,3	10,7	4,2	6,5
65 — 69	0,8	0,3</													

QUADRO 26 — EFEITO DEMOGRÁFICO DOS DIFERENTES NÍVEIS MIGRATÓRIOS, POR SEXOS E GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1990

Milhares

Níveis migratórios	50 000			100 000			150 000			250 000			500 000		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
Grupos etários															
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
0 — 4	16,8	8,6	8,2	33,9	17,3	16,6	50,6	25,9	24,7	84,5	43,2	41,3	169,0	86,4	82,6
5 — 9	17,0	8,7	8,3	33,5	17,2	16,3	50,4	25,8	24,6	84,0	43,1	40,9	167,7	86,0	81,7
10 — 14	16,2	8,3	7,9	32,2	16,8	15,6	48,5	24,9	23,6	80,5	41,4	39,1	161,2	83,0	78,2
15 — 19	15,0	7,9	7,1	30,0	15,8	14,2	45,0	23,7	21,3	74,9	39,5	35,4	150,0	79,1	70,9
20 — 24	12,7	5,9	6,8	25,6	12,0	13,6	38,1	17,8	20,3	63,9	29,9	34,0	127,8	59,8	68,0
25 — 29	15,1	7,6	7,5	30,2	15,3	14,9	45,3	22,9	22,4	75,6	38,2	37,4	151,2	76,3	74,9
30 — 34	19,5	11,5	8,0	39,0	23,1	15,9	58,5	34,6	23,9	97,4	57,5	39,9	194,8	115,1	79,7
35 — 39	21,2	13,8	7,4	42,3	27,6	14,7	63,6	41,6	22,0	105,8	69,1	36,7	211,8	138,3	73,5
40 — 44	18,0	12,3	5,7	35,7	24,4	11,3	53,4	36,6	16,8	89,2	61,1	28,1	178,2	122,0	56,2
45 — 49	11,2	7,2	4,0	22,5	14,5	8,0	33,7	21,7	12,0	56,2	36,3	19,9	112,4	72,6	39,8
50 — 54	7,2	4,5	2,7	14,5	9,0	5,5	21,9	13,6	8,3	36,4	22,6	13,8	72,7	45,1	27,6
55 — 59	3,9	2,2	1,7	7,8	4,3	3,5	11,7	6,5	5,2	19,5	10,8	8,7	39,3	21,7	17,6
60 — 64	2,2	1,1	1,1	4,2	1,9	2,3	6,6	3,0	3,6	10,9	5,0	5,9	21,6	9,9	11,7
65 — 69	1,3	0,5	0,8	2,7	1,1	1,6	4,1	1,6	2,5	6,8	2,6	4,2	13,5	5,3	8,2
70 e mais	1,4	0,5	0,9	3,2	1,1	2,1	4,6	1,6	3,0	7,7	2,8	4,9	15,2	5,4	9,8
TOTAL	178,7	100,6	78,1	357,3	201,2	156,1	536,0	301,8	234,2	893,3	503,1	390,2	1 786,4	1 006,0	780,4
0 — 19	65,0	33,5	31,5	129,6	66,9	62,7	194,5	100,3	94,2	323,9	167,2	156,7	647,9	334,5	313,4
20 — 59	108,8	65,0	43,8	217,6	130,2	87,4	326,2	195,3	130,9	544,0	325,5	218,5	1 088,2	650,9	437,3
60 e mais	4,9	2,1	2,8	10,1	4,1	6,0	15,3	6,2	9,1	25,4	10,4	15,0	50,3	20,6	29,7

CONCLUSÃO

O cálculo de perspectivas demográficas por sexos e idades da população portuguesa residente, para um período de quinze anos (1975-1980-1985-1990), constitui o objectivo do presente trabalho.

A análise sintética da situação demográfica observada entre 1965 e 1975, em Portugal, identifica-se com a principal base de apoio para a delimitação das diferentes hipóteses de evolução do conjunto das variáveis populacionais.

A população estimada para 31 de Dezembro de 1975 — efectivos de base — não deixará de introduzir um carácter provisório às actuais perspectivas, devido, entre outros aspectos, às profundas transformações operadas na estrutura da população portuguesa em 1974 e 1975. A amplitude dos movimentos migratórios ocorridos nos últimos anos (emigração legal e clandestina, retorno de emigrantes e o retorno de portugueses das ex-colónias) apenas por processos «indirectos» puderam ser considerados, tendo em vista a avaliação «mais correcta» da estrutura da população de partida ⁽⁶⁾.

A escolha das hipóteses teve necessariamente em consideração a perturbada situação demográfica. O amplo leque de hipóteses — evolução sem e com migrações — procura corresponder ao tipo de alterações que se podem perspectivar sobre o comportamento dos diversos fenómenos. As perspectivas sem migrações resultam da fixação de hipóteses constantes e decrescentes — variáveis — relativamente à evolução da mortalidade e natalidade. Os efeitos demográficos resultantes dos vários movimentos migratórios introduzidos como hipóteses, foram efectuados no sentido de avaliar as correspondentes interferências no crescimento natural da população — hipótese principal de evolução natural.

Na parte final deste trabalho apresenta-se uma análise sintética, com a finalidade de perspectivar a evolução da situação demográfica entre 1975-1980, 1980-1985 e 1985-1990. O conjunto de indicadores demográficos construídos, permitem-nos, em termos genéricos, avaliar o sentido e a intensidade das principais transformações previsíveis.

A hipótese principal de evolução sem e com movimentos migratórios correspondem, respectivamente, às hipóteses V em 1980 e 1985 e VI em 1990 e hipóteses VIII em 1980 e 1985 e XIII em 1990 — Quadros 16, 17, 19 e 23.

⁽⁶⁾ As estimativas da população portuguesa por sexos e idades (1941-75) recentemente calculadas no I.N.E., encontram-se concluídas, aguardando-se para breve a respectiva divulgação. A excepção das tábuas abreviadas de mortalidade (1965-75), todos os restantes indicadores demográficos foram calculados com base nesta nova série de estimativas, visto corresponderem a dados definitivos — com exclusão de 1974 e 1975.

R É S U M É

Le calcul des perspectives démographiques par sexes et âges de la population résidente portugaise pour une période de quinze ans (1975-1980-1985-1990), constitue l'objectif de ce travail.

L'analyse synthétique de la situation démographique observée entre 1965 et 1975 au Portugal s'identifie à la base principale d'appui pour la délimitation des différentes hypothèses de l'évolution de l'ensemble des variables populationnelles.

La population estimée pour le 31 décembre 1975 — effectifs de base — ne manquera pas d'introduire un caractère provisoire aux perspectives actuelles et ceci notamment à cause des profondes transformations qui se sont opérées dans la structure de la population portugaise en 1974 et en 1975. L'amplitude des mouvements migratoires des dernières années (émigration légale et clandestine, retour des émigrants et le retour des portugais des ex-colonies) n'a pu être considéré que par processus «indirects». On a en vue une évaluation plus correcte de la structure de la population de base ^(*).

Le choix des hypothèse a eu en considération la perturbation de la situation démographique. Le grand nombre d'hypothèses — évolution sans et avec migrations — essaie de correspondre au type d'altérations que l'on peut prévoir en ce qui concerne le comportement des divers phénomènes. Les perspectives sans migrations résultent de la fixation d'hypothèses constantes et décroissantes — variables — concernant l'évolution de la mortalité et de la natalité. L'effet démographique des différents mouvements migratoires introduits comme hypothèse a été effectué afin d'évaluer l'interférence correspondante dans l'accroissement naturel de la population — hypothèse principale de l'évolution naturelle.

Dans la partie finale de ce travail on présente une analyse synthétique en vue de prévoir l'évolution de la situation démographique entre 1975-1980, 1980-1985, et 1985-1990. L'ensemble des indicateurs démographiques construits nous permettent, en termes génériques, d'évaluer le sens et l'intensité des principales transformations prévisibles.

L'hypothèse principale de l'évolution sans et avec mouvements migratoires correspond, respectivement, aux hypothèse V en 1980 et 1985 et VI en 1990 et aux hypothèses VIII en 1980 et 1985 et XIII en 1990 — tableaux 16, 17, 19 et 23.

(*) Les estimatives de la population portugaise par sexes et âges (1941-75), récemment calculées à l'I.N.S. sont maintenant terminées et seront bientôt publiées. A l'exception des tables abrégées de mortalité (1965-75), tous les autres indicateurs démographiques furent calculés en se basant sur cette nouvelle série d'estimatives car il s'agit des données définitives — exclusion de 1974-1975.

S U M M A R Y

The calculation of demographic projections by sex and age for the Portuguese resident population over a 15-year period (1975-1980-1985-1990) constitutes the purpose of the present work.

A synthetical analysis of the demographic situation observed between 1965 and 1975 in Portugal, it is identical to the main support to the delimitation of the several assumptions of trends for the set of population variables.

The population estimated for the 31st December 1975 — basic enrolled persons — will certainly introduce a provisional nature into the present projections due to the deep changes in the structure of the Portuguese population occurred in 1974 and 1975, among other aspects. The amplitude of the migratory movements occurred over the last years (legal and clandestine emigration, return of emigrants and return of Portuguese from the former colonies) could only be assessed by means of «indirect» procedures, having in view the «most correct» way of evaluating the structure of the Portuguese population. ⁽⁶⁾.

When choosing assumptions we had to take into account the troubled demographic situation. The vast range of assumptions — trends with and without migrations — is meant to correspond to the type of changes which may be viewed about the behaviour of the several phenomena. The projections without migrations result from the fixing of constant or decreasing assumptions — variable assumptions — for the development of mortality and natality. The demographic effect of the several migratory movements introduced as assumptions was intended to evaluate their corresponding interference with the natural growth of the population — principal assumption of natural development.

The last part of this work presents a synthetic analysis aimed at viewing the trends in the demographic situation between 1975-1980, 1980-1985, and 1985-1990. The set of demographic indicators constructed allow us, in general, to evaluate the direction and intensity of the main changes predictable.

The principal assumption of trends with and without migratory movements correspond respectively to hypothesis V in 1980 and 1985 and hypothesis VI in 1990, and to hypothesis VIII in 1980 and 1985 and hypothesis XIII in 1990 — Tables 16, 17, 19 and 23.

(⁶) The Portuguese population estimates by sex and age (1941-1975) recently calculated by the N.S.I. are now finished and it is expected to have them soon released. Except for abridged life tables (1965-1975) all the remaining demographic indicators have been calculated from this new series of estimates, once they correspond to definitive data — excluding 1974 and 1975.

SÉRIE ESTUDOS

- N.º 1 — Índice ponderado do custo da alimentação e de alguns artigos de consumo doméstico na cidade de Lisboa — 1940 e 1942.
- N.º 2 — Sobre o diferimento da data do nascimento em Portugal — 1941.
- N.º 3 — Previsão da produção do azeite para 1941-1942 — 1941.
- N.º 4 — Índices do comércio externo — 1942.
- N.º 5 — Análise estatística de alguns aspectos monetários portugueses — 1943.
- N.º 6 — Taxas de rendimento real, índices de cotações e índices do movimento da Bolsa de Lisboa — 1943.
- N.º 7 — Números índices do comércio externo das colónias portuguesas de África — 1945.
- N.º 8 — Tábua de mortalidade da população portuguesa (1939-1942) — 1945.
- N.º 9 — Rendimento nominal dos títulos nacionais — 1945.
- N.º 10 — Sobre o diferimento da data do nascimento em Portugal (Novas observações) — 1946.
- N.º 11 — Taxa de juro dos empréstimos hipotecários — 1946.
- N.º 12 — Alguns aspectos demográficos da população portuguesa — 1947.
- N.º 13 — Subsídios para o estudo do problema penal e prisional português — 1949.
- N.º 14 — Estimativa das produções de vinho branco e de vinho tinto, nos anos de 1927 a 1936 — 1950.
- N.º 15 — Índice do custo da construção civil de Lisboa — 1950.
- N.º 16 — Inquérito às rendas e a certas características das habitações da cidade de Lisboa — 1950.
- N.º 17 — Valores de produção de alguns produtos agrícolas no Continente nos anos de 1927 a 1948 — 1950.
- N.º 18 — Alguns aspectos demográficos da população portuguesa — II — 1950.
- N.º 19 — Inquérito às rendas e a certas características das habitações da cidade do Porto — 1951.
- N.º 20 — O abastecimento de água em Portugal no período 1938-1949 — 1951.
- N.º 21 — Subsídios para uma nova classificação das receitas do Estado — 1951.
- N.º 22 — Análise de alguns indicadores demográficos — 1953.
- N.º 23 — Inquérito ao custo de vida na cidade de Lisboa, 1948-1949 — 1953.
- N.º 24 — Tábua de mortalidade da população portuguesa (1949-1952) — 1953.
- N.º 25 — Índices de preços por grosso (Base: 1948) — 1954.
- N.º 26 — Subsídios para uma nova classificação das despesas do Estado — 1954.
- N.º 27 — Inquérito ao custo de vida na cidade do Porto, 1950-1951 — 1955.
- N.º 28 — Índices de salários por profissões para a cidade de Lisboa — 1955.
- N.º 29 — Inquérito às rendas e a certas características das habitações da cidade de Coimbra — 1955.
- N.º 30 — Inquérito às condições de vida da população da cidade de Coimbra, 1953-1954 — 1957.
- N.º 31 — Inquérito às rendas e a outras características das habitações arrendadas na cidade de Viseu em 1955-1956 — 1957.
- N.º 32 — Índices de salários por profissões para a cidade do Porto — 1958.
- N.º 33 — Inquéritos às rendas e a outras características das habitações arrendadas na cidade de Évora, em 1955-1956 — 1958.
- N.º 34 — O Rendimento Nacional Português — 1959.
- N.º 35 — Inquérito às condições de vida da população da cidade de Évora, 1955-1956 — 1960.
- N.º 36 — Índices de salários profissionais, por ramos de actividade, para a cidade de Lisboa — 1963.
- N.º 37 — Inquérito às condições de vida da população da cidade de Viseu, 1955-1956 — 1963.
- N.º 38 — Tábua de mortalidade da população portuguesa do Continente e Ilhas (1959-1962) — 1964.
- N.º 39 — Estimativa do produto bruto florestal no Continente (1938, 1947 a 1963) — 1965.
- N.º 40 — Inquérito às rendas e a outras características das habitações arrendadas na cidade de Faro em 1961-1962 — 1965.
- N.º 41 — Inquérito às condições de vida da população da cidade de Faro, 1961-1962.
- N.º 42 — Índices de salários profissionais em alguns ramos de actividade ao nível do Continente.
- N.º 43 — Inquéritos sobre os meios nacionais de investigação e desenvolvimento.
- N.º 44 — A distribuição funcional dos rendimentos.
- N.º 45 — Projectões da população residente no Continente e Ilhas Adjacentes (1971-76-81).
- N.º 46 — As contas nacionais portuguesas (1958-1977).
- N.º 47 — Uma nota sobre a metodologia do Inquérito permanente ao emprego.
- N.º 48 — Considerações sobre o projecto «Replicação regional do produto: ensaio para 1970».
- N.º 49 — Estimativas da população — 1941-1975.

Publicações periódicas e seriadas do INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

Publications périodiques et séries de l'INSTITUT NATIONAL DE STATISTIQUE

MENSAIS

BOLETIM MENSAL DE ESTATÍSTICA
BOLETIM MENSAL DAS ESTATÍSTICAS DA AGRICULTURA E DA PESCA
BOLETIM MENSAL DAS ESTATÍSTICAS DO COMÉRCIO EXTERNO
BOLETIM MENSAL DAS ESTATÍSTICAS INDUSTRIAIS
ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS
ÍNDICE DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL
ÍNDICES DE PREÇOS NO CONSUMIDOR E PREÇOS MÉDIOS DE ALGUNS PRODUTOS ALIMENTARES E BEBIDAS

TRIMESTRAIS

BOLETIM TRIMESTRAL DAS ESTATÍSTICAS MONETÁRIAS E FINANCEIRAS
INDÚSTRIA TRANSFORMADORA, INFORMAÇÃO TRIMESTRAL DE CONJUNTURA, RELATÓRIO DE SÍNTESE
BOLETIM TRIMESTRAL DE ESTATÍSTICA — Região Autónoma da Madeira
BOLETIM TRIMESTRAL DE ESTATÍSTICA — Delegação de Ponta Delgada

ANUAIS

ANUÁRIO ESTATÍSTICO
ESTATÍSTICAS AGRÍCOLAS
ESTATÍSTICAS DAS ASSOCIAÇÕES PATRONAIS, SINDICAIS E PREVIDÊNCIA
ESTATÍSTICAS DO COMÉRCIO EXTERNO
ESTATÍSTICAS DA CONSTRUÇÃO E DA HABITAÇÃO
ESTATÍSTICAS DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS
ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS
ESTATÍSTICAS DA EDUCAÇÃO
ESTATÍSTICAS DA ENERGIA
ESTATÍSTICAS DAS FINANÇAS PÚBLICAS
ESTATÍSTICAS INDUSTRIAIS

Volume I: Indústrias Extractivas, Electricidade, Gás, Água

Volume II: Indústrias Transformadoras

ESTATÍSTICAS MONETÁRIAS E FINANCEIRAS
ESTATÍSTICAS DA PESCA
ESTATÍSTICAS DA SAÚDE
ESTATÍSTICAS DAS SOCIEDADES
ESTATÍSTICAS DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES
ESTATÍSTICAS DO TURISMO
CONTAS NACIONAIS
PRINCIPAIS SOCIEDADES

BIENAIS

ESTATÍSTICAS DA JUSTIÇA

DECENAIS

RECENSEAMENTO AGRÍCOLA (1968)
INQUÉRITO AS DESPESAS FAMILIARES (1973/74)
RECENSEAMENTO A DISTRIBUIÇÃO E SERVIÇOS (1969)
RECENSEAMENTO INDUSTRIAL (1972)
RECENSEAMENTO DA POPULAÇÃO E DA HABITAÇÃO (1970)
INQUÉRITO AOS TRANSPORTES (1975)

NÃO PERIÓDICAS

SÉRIE DIVULGAÇÃO (n.º 1 — Sistema Estatístico Nacional — 3.ª edição)
SÉRIE DOCUMENTOS (n.º 6 — Classificação por grandes categorias económicas)
SÉRIE ESTATÍSTICAS REGIONAIS (n.º 8 — Estatísticas Agrícolas — Distrito de Portalegre — 1960/1974)
SÉRIE ESTIMATIVAS PROVISÓRIAS (n.º 4 — Estimativa provisória do Produto Bruto e do Consumo de Cereais no Continente — 1938 e 1947 a 1965)
SÉRIE ESTUDOS (n.º 49 — Estimativas da população, 1941-1975)
SÉRIE LEGISLAÇÃO (n.º 3 — Legislação Estatística)
SÉRIE NORMAS (n.º 7 — Classificação Nacional de Mercadorias para as Estatísticas do Comércio Externo — CMCE)
SÉRIE RETROSPECTIVA (n.º 2 — Pesca, Continente e Ilhas Adjacentes)

PUBLICAÇÕES DOS CENTROS DE ESTUDOS

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS DEMOGRÁFICOS (n.º 22)
REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS ECONÓMICOS (n.º 21)
CADERNOS DO CENTRO DE ESTUDOS DEMOGRÁFICOS (n.º 5 — Tábuas abreviadas de mortalidade globais e regionais)

Nota: Nas publicações decenais indica-se o último ano em que se efectuou o Recenseamento ou Inquérito. Nas publicações «não periódicas» e nas dos Centros de Estudos faz-se referência ao último número publicado.

Remarque: Dans les publications décennales on indique la dernière année où on a effectué le recensement ou l'enquête. Dans les publications «non périodiques» et dans celles des Centres d'études on mentionne le dernier numéro publié.

DEPÓSITO E VENDA

Dépôt et vente

NO INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

AVENIDA ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA

NA IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA
LIVRARIA DO ESTADO

RUA MARQUÊS DE SA DA BANDEIRA, 16-A

LISBOA 1 — PORTUGAL

